



ANICK SOFIA FURTADO DA CRUZ

O desenvolvimento do gosto pela leitura no 1º Ciclo do Ensino Secundário

LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E PORTUGUESES

UNI-CV, Junho de 2010

ANICK SOFIA FURTADO DA CRUZ

O desenvolvimento do gosto pela leitura no 1º Ciclo do Ensino Secundário

Trabalho Científico apresentado à Universidade de Cabo verde para obtenção do grau de Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses, realizado sob a orientação da Mestre Maria Amélia Gomes

Uni-CV, Junho de 2010

“Nunca esgravatei a terra nem farejei ninhos, nem herborizei nem joguei pedras nos passarinhos. Mas os livros foram meus passarinhos e meus ninhos, meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo...”

(Sartre, 1978, p. 59).

“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas, por incrível que pareça, a quase totalidade das pessoas não sente esta sede.”

Carlos Drummond de Andrade

O júri

Presidente_____

Arguente_____

Orientador_____

Praia, ____/____/ de 2010

Dedicatória

Ao meu pai Bernardino Gomes da Cruz e à minha mãe Maria Sábado do Rosário Miranda Furtado, por todo amor que sempre me deram e pelo esforço e trabalho que tiveram durante o meu percurso académico.

Aos meus irmãos, aos meus avós, primos, tios e à minha madrinha.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus, pelo dom do estudo que me deu e por iluminar sempre o meu caminho, a minha vida e todos os que estão ao meu redor, por ter-me dado força, coragem, dedicação e persistência para seguir sempre em frente.

Aos meus amigos que sempre estiveram comigo, dando-me força e coragem quando precisei, confiança quando duvidei, companheirismo, quando não tinha quem me auxiliar, conselho quando foi necessário e principalmente amor e carinho. Infelizmente não tenho palavras para descrever e para transmitir todo o amor que eu tenho para convosco, só me resta dizer que ADORO vocês todos.

Também não podia deixar de agradecer, com os meus mais profundos reconhecimentos à minha orientadora, Mestre Maria Amélia, que aliado ao rigor científico mostrou total disponibilidade para me ouvir, aconselhar, e corrigir.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - DA APRENDIZAGEM AO GOSTO PELA LEITURA	12
1.1 Concepções e práticas de leitura.....	12
1.2 A importância da leitura no 1º Ciclo do Ensino Secundário.....	16
1.3 A promoção do gosto pela leitura	21
1.4 O perfil dos mediadores educativos e a promoção do gosto pela leitura	22
1.4.1 O papel da família.....	24
1.4.2 O papel da biblioteca	25
1.5 O desenvolvimento do gosto pela leitura na escola e na sala de aula.....	27
1.5.1 O papel do professor	29
CAPÍTULO II - O GOSTO PELA LEITURA NO 1º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO.....	32
2.1 Apresentação e discussão dos dados	32
2.2 Caracterização do contexto	33
2.2.1 Centro Educativo Miraflores	33
2.2.2 Escola Secundária Manuel Lopes	34
2.3 Caracterização das amostras.....	36
2.4 Apresentação e discussão dos dados	36
2.4.1 Dados recolhidos junto dos alunos	37
2.4.2 Apresentação dos dados dos professores.....	46
2.4.3 Síntese.....	54
CAPÍTULO III - PROPOSTAS DE ESTRATÉGIAS PARA A PROMOÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA .	56
3.1 Introdução	56
3.2 Sugestões de jogos e actividades de leitura.....	57
3.2.1 Actividades de leitura	57
3.2.2 Jogo de leitura	59
3.3 Sugestões de actividades que a biblioteca escolar pode desenvolver para motivar e promover a leitura	60
CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
ANEXO	68

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema **“O desenvolvimento do gosto pela leitura no 1º Ciclo do Ensino Secundário”**.

Creemos que a abordagem deste tema é importante visto que o pouco hábito de leitura faz com que os alunos tenham deficiências na leitura, na escrita e afecta também o desempenho deles nas outras disciplinas, dado que esta competência é transversal. Assim, achamos que com este estudo estaremos a procurar solucionar as reclamações feitas pelos professores, nomeadamente as que se relacionam com as dificuldades em escrever correctamente, em interpretar textos, em falar fluentemente e em desenvolver frases e críticas construtivas.

Convém salientar que actualmente os temas relacionados com o ensino da leitura têm sido alvo de discussão pelos seguintes motivos: em primeiro lugar, devido ao impacto da competência da leitura na melhoria da educação no país; em segundo lugar, porque a sua prática leva os alunos a ficarem cada vez mais aptos para responder as demandas sociais existentes. Por isso, deve-se formar leitores competentes e autónomos capazes de aceder ao conhecimento e às informações por si só. Não se deve esquecer também que os conhecimentos adquiridos ao longo da vida são construídos e amadurecidos através da leitura (Gregio, 2006). Portanto, ler contribui para a formação não só de um indivíduo leitor, mas também de uma pessoa que sabe questionar, contestar e se posicionar frente à realidade que a vida lhe oferece no dia-a-dia e que tem competência de participar dos contextos que a sociedade oferece (Moraes, 2000).

Para além disso, verifica-se que a leitura é um hábito inteligente que se desenvolve em dois níveis através de todo o processo educativo; por um lado ela é vista como uma ferramenta essencial para a aprendizagem do currículo, como já foi explicitado, e por outro ela é relacionada com a literatura que é a mais rica fonte de aventuras da imaginação e de experiências. Assim, o amor pela literatura, a consciências dos muitos prazeres e surpresas que ela encerra devem ser cuidadosamente orientados e cultivados, não podem ser deixados ao acaso (Potts, 1979, p. 17).

Estando ciente deste contributo da leitura, importa estimular o aluno a ler. Para isso é necessário rever as estratégias de ensino dessa competência da Língua. Vê-se que a principal forma

de superar este problema é desenvolver no aluno o prazer e o gosto pela leitura para ele poder posteriormente ganhar o hábito de ler.

Não se deve esquecer que, para além dos professores, os demais agentes educativos, como a escola, a família e a comunidade, têm também um papel relevante no incentivo e na promoção do gosto pela leitura, complementando a acção formativa e executando a sua função educativa.

A problemática e a importância acima identificadas constituíram os principais factores que nos influenciaram na escolha do tema. Ela também surgiu da inquietação experimentada no contexto de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, mais precisamente da leitura. Com efeito, no decorrer da vida académica, no Ensino Secundário e no Ensino Superior, tivemos a oportunidade de ouvir desabafos de professores de Língua Portuguesa e de alguns alunos, afirmando que actualmente as pessoas, principalmente as mais novas, não têm o hábito de ler, que não gostam da leitura e que a encaram como algo enfadonho e aborrecido. Assim, interessamo-nos por trabalhar este tema para saber o porquê deste facto e encontrar formas de fazer com que essas pessoas passem a ler.

Não se poderia esconder o prazer em dar contribuição, ainda que modesta, na procura de algumas soluções que possam responder à imperiosa necessidade de encontrar estratégias que visam a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, mais especificamente, da leitura.

Repara-se que este problema não se trata de uma preocupação isolada, pois, a política linguística cabo-verdiana, através do Programa de Língua Portuguesa do 1º Ciclo do Ensino Secundário (Matos e Lopes, 1997) propõe que se assegurem ao aprendente a capacidade de construir o seu próprio conhecimento, através do desenvolvimento de aptidões que o levem a servir-se da leitura como instrumento de trabalho e que, no final do 8º ano, o aluno goste de ler.

Assim surgiram as seguintes questões que nortearam o desenvolvimento do presente trabalho:

1. Os agentes educativos têm tido preocupação com o desenvolvimento do gosto pela leitura no 1º Ciclo do Ensino Secundário?
2. Que factores poderão estar a contribuir para que os alunos do 1º Ciclo do Ensino Secundário gostem ou não da leitura?
3. O que é que pode ser feito, dentro e fora da sala de aula, para desenvolver nesses alunos o gosto e o hábito de leitura?

Para responder a essas questões traçamos os seguintes objectivos gerais:

- Compreender a importância da aquisição do gosto pela leitura;
- Saber qual é o papel dos agentes educativos neste processo;
- Conhecer estratégias que possibilitam a leitura por prazer.

Os objectivos específicos são os seguintes:

- Informar sobre a importância da leitura no processo de ensino e aprendizagem e no desenvolvimento do indivíduo;
- Reflectir sobre o papel de cada um dos mediadores na promoção do gosto pela leitura;
- Identificar as representações dos inquiridos sobre o gosto pela leitura;
- Avaliar a situação em estudo no 1º Ciclo do Ensino Secundário;
- Propor estratégias que visam a promoção do prazer de ler.

Para atingir estes objectivos escolhemos como método de trabalho a pesquisa de bibliografias específicas que abordam: os princípios e objectivos em que se assenta o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa e da leitura em especial no contexto Cabo-verdiano; a questão do ensino e do desenvolvimento do gosto pela leitura e o papel dos mediadores da leitura na sua promoção.

Para entendermos a relação entre o aluno e o livro, no 1º Ciclo do Ensino Secundário, fizemos uma pesquisa de terreno em duas escolas secundárias, Miraflores e Manuel Lopes, com intuito de abranger alunos de todas as camadas sociais. Escolhemos como público alvo alunos do 7º e 8º ano e os seus respectivos professores de Língua Portuguesa, aos quais aplicámos inquéritos por questionário.

O questionário aplicado aos alunos tem a finalidade de conhecer e compreender a relação que eles têm com a leitura; conhecer o lugar que esta competência ocupa na vida deles; o que está na origem dos seus gostos de leitura e o quê que os mediadores da leitura têm feito neste sentido.

Aos professores foi aplicado o questionário com o intuito de informar sobre as suas representações e práticas de ensino da leitura e do desenvolvimento do gosto por ela.

Para a efectivação do estudo propusemos quatro capítulos:

No capítulo I debruçar-se-á sobre a revisão da literatura que se relaciona com o gosto pela leitura e com as diferentes concepções de leitura e de leitores; à importância da leitura segundo a política linguística cabo-verdiana e o seu impacto na construção do conhecimento e na vida do homem. De seguida passaremos a reflectir sobre a promoção da leitura e o papel dos mediadores nesse processo.

No capítulo II faremos a apresentação dos dados recolhidos junto dos alunos e professores.

Quanto ao capítulo III, este sevir-nos-á para a apresentação de algumas propostas de actividades que servem para promover o gosto pela leitura junto dos alunos.

Finalmente, no capítulo IV, apontaremos as conclusões obtidas com este estudo e as respectivas implicações didácticas.

Para além das referências bibliográficas, este estudo apresenta ainda, em anexo, os questionários aplicados aos alunos e professores e os instrumentos utilizados para a análise desses inquéritos.

CAPÍTULO I - DA APRENDIZAGEM AO GOSTO PELA LEITURA

“Comecemos pelas obviedades: aprende-se a ler e a gostar de ler; aprende-se a ter satisfação com a leitura; aprende-se a acompanhar modismos de leitura; aprende-se a ter critérios e opiniões de leitura; aprende-se a julgar valores estéticos. A tudo isso se aprende lendo. Dentro e fora da escola” (Magnani, 2001).

No presente capítulo apresentaremos, num primeiro momento, as diversas concepções da leitura relacionando-as com a prática e as respostas que a Pedagogia, a Linguística e a Didáctica da Língua têm encontrado para as diferentes abordagens desse domínio da língua.

Debruçaremos sobre o estudo da importância da leitura no 1º Ciclo do Ensino Secundário bem como as capacidades e potencialidades que os alunos possuem, tentando evidenciar o contributo da leitura literária na formação e no desenvolvimento da criança e do adolescente, na pluralidade e na construção da identidade de cada sujeito.

Finalmente, dedicaremos alguma atenção à possibilidade de os diversos mediadores agirem sobre o incentivo e promoção do gosto pela leitura, tanto a nível individual como colectivo, por acções do âmbito da política de ensino de línguas e dos pressupostos da Pedagogia e da Didáctica da Língua.

1.1 Concepções e práticas de leitura

Este ponto centra-se, nas diferentes concepções de leitura no ensino da Língua Portuguesa, na perspectiva pedagógico-didáctica. Mas, antes de centrarmos, propriamente dito, nesse aspecto, importa-nos salientar um aspecto um pouco mais abrangente, mas de extrema importância, destacado por Andrade (1997). Segundo esta autora (op. cit.) o modo científico como a linguagem verbal é encarada, como objecto a descrever, analisar, estudar, tem condicionado a forma como a

linguagem tem sido tratada na escola, o que equivale a dizer que os modelos pedagógico-didáticos têm concepções particulares sobre a natureza do objecto de ensino/aprendizagem que constitui a língua: “A language teaching theory incorporates a *theory of language*” (Stern, 1984 p. 181 apud Andrade, 1997). De um modo mais explícito, podemos dizer que o processo de ensino/aprendizagem de uma língua depende, para além de outros factores, da concepção construída acerca do objecto-língua, que informa a relação pedagógico-didáctica. Assim, por exemplo, no caso dos professores a concepção influencia as suas práticas profissionais, os materiais utilizados na sala de aula e a gestão da interacção. É por isso que as concepções das línguas são, cada vez mais, abordadas nos planos de formação com o objectivo de formar melhores professores, dotados de autonomia e com uma capacidade de reflexão sobre os factores envolvidos no ensino/aprendizagem de línguas.

Essa teoria facilita a compreensão da relação existente entre as concepções que propomos apresentar e a prática pedagógica. Assim, vamos apresentar três concepções de leitura e consequentemente o perfil de leitor concebido por cada uma delas respectivamente: A leitura entendida como decifração da escrita; a leitura entendida como processo de compreensão, adoptando aspectos cognitivos pelos quais se extrai o sentido do texto e a leitura vista como um processo discursivo.

Na primeira concepção a leitura era vista como uma prática oratória em que o foco estava na recepção e na assimilação directa do conteúdo do próprio texto. Amor (1993, p. 82) refere a esta concepção quando afirma que houve tempos em que

”a leitura era entendida como uma prática de base (...) integrado na apreciação elementar, ou seja, reconhecimento e decifração dos códigos de comunicação socialmente estabelecidos e a construção do significado, assimilação directa do conteúdo informacional descrito no próprio texto.”

Segundo essa concepção, um bom leitor é aquele que tem uma boa pronúncia, que decifra bem as palavras. O ensino de leitura tradicional é fundamentado nessa concepção. O leitor atingirá a compreensão a partir da soma das partes, ou seja, para atingir o sentido do texto, são formulados exercícios com perguntas superficiais onde as respostas desejadas são encontradas em determinados períodos do texto, sem que seja necessária uma reflexão e uma leitura mais atenciosa por parte desse leitor (Morete, 2006). Vê-se que, segundo está concepção, o aluno é considerado uma tábua rasa, um ser passivo que não tem habilidades ou capacidade para entender o que leu. Portanto, os que aplicam esta concepção de leitura formam sujeitos passivos que aceitam sem questionar. Assim, está-se a formar alunos que não conseguem tirar informações no texto. Ao perceber deste desfasamento em relação à leitura, eles perdem interesse e a motivação por esta actividade e,

consequentemente, ficam com dificuldades em todas as disciplinas, além da disciplina de Língua Portuguesa.

Uma outra concepção de leitura é a que é entendida como processo de compreensão, a que implica a adopção de aspectos cognitivos pelos quais se extrai o sentido do texto. Esta concepção segue a linha de estudos construtivista de estudiosos como Goodman e Smith que consideram a leitura como um processo psicolinguístico complexo em que o leitor atinge o sentido do texto a partir do seu conhecimento de mundo e da criação de hipóteses (Figueiredo, 1985 apud Morete, 2006, p. 5). Portanto, seguindo esta concepção, o leitor é que tem a função de dar significado ao texto por antecipar os elementos textuais que se seguirão ao longo da leitura, como um jogo de adivinhação. Vê-se que este pressuposto de leitura, diferente do anterior, leva em conta que o leitor é capaz de raciocinar e de extrair sentidos por conta própria (Bruner, 2001, apud Morete, 2006, p. 6). Por esta razão ele passa a ser visto como um sujeito activo porque cabe a ele não só a tarefa de descobrir “o significado” do texto, mas inferir sentidos a partir de sua interacção com o texto (Conceição, 2005, p. 54).

O professor que tem esta concepção acredita que o seu aluno pode descobrir os significados, os sentidos do que lê a partir de seu conhecimento e da subjectividade, e se vê como um facilitador para este aluno, no momento de dificuldade em sua leitura.

Nessa visão, o bom leitor é aquele que, diante dos dados do texto, é capaz de accionar os seus conhecimentos prévios para interpretá-lo dado que o processo é não-linear, analítico e dedutivo, isto é, caminha do todo para as partes.

Conceição (2005, p. 55) critica esta concepção fazendo a seguinte afirmação:

“Apesar do grande avanço na questão da construção dos sentidos, já que o texto passa a ser visto como polissémico, em oposição a uma visão monossémica, essas posições têm em comum a forte soberania do texto regulando a construção dos sentidos, de modo que ele ainda é visto como o portador dos significados autorizados, isto é, o texto ainda tem primazia sobre o leitor. Em outras palavras, seria o mesmo que dizer que o leitor depende do texto para construir os sentidos e não o inverso, que o leitor e o contexto sócio-histórico e ideológico, a situação de enunciação, proporcionam a disseminação de sentidos possíveis.”

Em oposição, essa concepção mudou, a leitura passou a ser vista como um processo discursivo. Segundo Conceição (op. cit.), o acto de ler passou a ser entendido como um processo discursivo em que os sujeitos produtores de sentido, leitor e autor, são ambos ideologicamente constituídos e sócio-historicamente determinados e a construção dos sentidos é influenciada por esses elementos constitutivos. O texto, nessa perspectiva, é considerado um conjunto de signos amorfos, isto é, seu sentido só é construído na situação de enunciação, de leitura, não possui

significado anterior a ela. Assim, entende-se que a leitura passou a ser vista como um diálogo entre o leitor e o texto, um juízo de valor.

A aplicação dessa concepção à aprendizagem da leitura surge ligada à formação do pensamento e do desenvolvimento do espírito crítico visto que, ler não consiste apenas em decifrar os códigos linguísticos do papel, mas também, em interpretar o escrito, compreender o seu sentido, interiorizar, criticar e formar um juízo de valor.

Isso quer dizer que só é bom leitor aquele que consegue ler nas entrelinhas, isto é, consegue ver para além do que está escrito no papel, consegue relacionar as suas leituras anteriores, com a actual para a partir daí formar um juízo de valor próprio.

Sim-Sim (2002, p. 9, apud Pereira, 2008, p. 27), corroborando com essa concepção, defende que

“ler é hoje fundamentalmente aceder ao conhecimento através da reconstrução da informação contida no texto, o que implica uma íntima e permanente interacção entre o leitor e o texto. O leitor tornou-se um construtor de significados e a leitura transformou-se na grande porta de acesso ao poder do conhecimento.”

Deste modo, o leitor transforma-se num produtor de acontecimentos em função da sua compreensão e consciência crítica. Assim, ele passa a conhecer a verdadeira importância da leitura, como um processo contínuo, que precisa de ser praticado para ser aprendido e para obter novas informações. O aluno passa a sentir necessidade de ler sempre, necessidades esta que o impulsionam a procurar diferentes tipos de leitura, na tentativa de encontrar soluções para as situações que se apresentam no quotidiano.

É de ressaltar que não se deve desvalorizar as outras concepções apresentadas anteriormente. Pelo contrário, as fases iniciais de aprendizagem da leitura são úteis. É neste sentido que Manguel (2007, p. 25) afirma que

“aprender a ler implica três aprendizagens: primeiro a aprendizagem do processo mecânico do código de escrita no qual está codificada a memória de uma sociedade; a segunda aprendizagem é a da sintaxe pela qual esse código se rege, e a terceira aprendizagem, que segundo ele é a mais difícil, a mais perigosa e a mais poderosa, é a aprendizagem das formas como as inscrições nesse código que servem para conhecer, de uma forma profunda, imaginativa e prática, a nossa identidade e o mundo que nos rodeia.”

Já que ler não consiste mais numa mera decifração e descodificação do papel impresso, mas sim interpretação e compreensão, torna-se evidente que no processo de aquisição da leitura actuam factores intrapessoais e interpessoais. Dos factores intrapessoais pode-se destacar as capacidades cognitivas, a personalidade, os estilos e estratégias de aprendizagem e a motivação. Dos factores

interpessoais destacam-se o entusiasmo, a motivação e o interesse do aluno (Cruz, 2007, p. 175). Nota-se neste caso a valorização do gosto pela leitura, como um dos factores que interferem no processo de ensino e aprendizagem da leitura.

Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997, p. 27 apud Azevedo, 2007, p. 3), afirmam que a leitura não é nenhuma actividade natural nem de aquisição espontânea e universal. O seu domínio exige um ensino directo que não se esgota na aprendizagem ainda que imprescindível da tradução da letra-som, mas que se prolonga e aprofunda ao longo da vida do sujeito.

Pode-se dizer então que a leitura é vista como algo imprescindível e importante na vida de uma pessoa. Por isso, a mudança na forma de se perspectivar a leitura tem de ter repercussões na forma de planificação escolar, de modo que, no contexto escolar, a leitura seja encarada de duas formas distintas: como actividade mobilizada por professores e alunos em todas as disciplinas do currículo e como objectivo de ensino aprendizagem.

Amor (1993, p. 92) dá alguma contribuição à Didáctica da Língua Portuguesa neste sentido, propondo a distinção de várias modalidades e tipos de leitura, com o objectivo de dar conta dos aspectos processuais e motivacionais da mesma: a leitura funcional ou leitura para pesquisa de dados e informações na perspectiva pragmática da resolução de problemas; a leitura analítica e crítica abrangendo a actividade reflexiva em que ler significa atingir uma compreensão crítica do texto, que se projectará em reelaboração e esquematização da leitura feita, e a leitura recreativa que visa a satisfação de interesses e ritmos individuais cuja promoção conduzirá ao desenvolvimento da capacidade de fruição estética e pessoal dos textos.

À escola cabe promover todos esses tipos de leitura, dando especial atenção à leitura recreativa na medida em que ela é importante porque leva o aluno a praticar e a ter bases para efectuar as restantes modalidades de leitura. Por isso, ela deve ser promovida quer no espaço escolar, isto é, na sala de aula e nas bibliotecas, quer fora do espaço escolar como por exemplo em casa. É neste sentido que se torna importante sensibilizar o aluno para o carácter lúdico da leitura para além do intuito de instruir, para que ele passe a ler espontaneamente, por prazer e fruição, e consequentemente, evolua sem pressão dos outros.

1.2 A importância da leitura no 1º Ciclo do Ensino Secundário

É sabido que a inclusão da disciplina de Língua Portuguesa no 1º Ciclo do Ensino Secundário é determinada pelo estatuto de língua oficial que o Português tem em Cabo Verde (Matos e Lopes, 1997). Decorrente deste estatuto, ocupa um lugar de destaque, ou seja, é objecto, suporte e veículo de

ensino/aprendizagem das outras disciplinas. Assim, um dos princípios em que se assenta o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa é de que o desenvolvimento linguístico e o desenvolvimento cognitivo se processam em permanente interacção. Pressupõe-se que se refere não só à interacção linguística na sala de aula, mas também à interacção com o texto. Isto porque o programa explicita que esses mesmos princípios se inspiram no modelo da competência comunicativa. Ao apresentar os pressupostos em que se assenta esta abordagem, fica explícita que a língua é um sistema que se actualiza através do uso em contextos múltiplos e a diversos níveis de complexidade. Neste sentido, entende-se que a leitura é uma das formas de actualizar a língua. Por isso, que ela deve ser promovida dentro e fora da sala de aula.

Um outro pressuposto é a de que na dinâmica do ensino/aprendizagem o aluno/aprendente constitui o centro do processo. Constrói ele próprio a sua competência. Relacionando este pressuposto com a leitura, entende-se que o aluno só constrói a sua competência quando consegue fazer uma leitura na perspectiva discursiva, quando está em condições de fazer uma leitura crítica, emitir juízos, de acordo com o conhecimento prévio que possui, e de acordo com a sua vivência sócio-histórica. Neste sentido, para com o aluno do primeiro ciclo, deve-se promover, além de estratégias de leitura discursiva, a leitura recreativa, levá-lo a fruir, a ler por gosto, para complementar as leituras feitas nas aulas de Língua Portuguesa e para tirar os benefícios da leitura de forma prazerosa.

Se a aula de leitura for feita nessa perspectiva, o professor, para além de contribuir para que o aluno participe na sua aprendizagem, estará a contribuir também para que o aluno melhore a sua linguagem e a atingir outros objectivos do programa do 1º Ciclo tais como: produzir mensagens orais e escritas adequadas a cada situação específica de comunicação; exprimir-se com propriedade e exactidão a nível vocabular e gramatical, proceder a diversos tipos e níveis de leitura de textos, aplicando estratégias de construção, reformulação e avaliação do significado e recorrer sistematicamente a fontes orais e escritas e a instrumentos auxiliares de trabalho, para resolver problemas e dificuldades de aprendizagem.

Como se vê no ponto anterior, se o aluno tem dificuldades de leitura, ele não consegue resolver as suas dificuldades. Se ele lê e não percebe, ele perde o interesse e o gosto pela leitura. Para resolver este problema, o professor deve promover vários tipos e modalidades de leitura e desenvolver estratégias que promovem o gosto pela leitura de forma a levar o aluno a praticar e desenvolver essa habilidade até chegar aos níveis mais elevados, tais como: a leitura crítica; a aquisição de autonomia para tirar informações de textos, através da leitura funcional e resolução dos problemas e dificuldades de forma autónoma. Para além disso, permite ao aluno, ao nível dos conhecimentos, adquirir vocabulário variado e adequado às suas necessidades de comunicação.

A nível das atitudes, o contacto com as obras literárias, em particular, permitem ao aluno o contacto com modelos linguísticos que lhe permite utilizar correctamente a língua em situações pontuais de comunicação porque a leitura de textos permite depreender esquemas e formas da língua escrita que têm normas próprias, diversas daquela da língua falada (Gardner, 1999, p. 152, apud Bier, 2004, p. 69). Permite-lhe também ter mais segurança em termos de comunicação e posteriormente a desinibição e a desenvoltura que propõe o programa do 1º Ciclo (Matos e Lopes, 1997). É nesta perspectiva que o programa destaca a importância da leitura para o desenvolvimento do saber, saber-fazer e saber-ser. Para que o aluno do 1º Ciclo desenvolva essas competências, o programa propõe que ele deve interiorizar hábitos de leitura, porque neste nível os objectivos de ensino e aprendizagem são traçados com o fim de lhe permitir desenvolver a capacidade de construir o seu próprio conhecimento, através do desenvolvimento de aptidões que o leva a servir-se da leitura como instrumento de trabalho e ao mesmo tempo assegurar que, no final deste Ciclo, nele se desenvolva o gosto de ler.

Adquirindo o gosto de ler, a leitura passa a ser um hábito, passa a intervir directamente na organização formal do raciocínio e da expressão do aluno e, por este motivo, favorece o processo de aprendizagem escolar. Além disso, permite que suas ideias e criatividade se movimentem livremente, sem condicioná-las porque a aquisição de conhecimentos é realizada respeitando o ritmo individual da pessoa, possibilitando a analogia entre o texto e o mundo.

Destaca-se a leitura da obra literária, em particular como um meio de aprimoramento das pessoas porque transforma o leitor em melhores pessoas, na medida em que ao ler fica sabendo como é estar na pele de uma pessoa que leva uma vida diferente, passando por situações inusitadas (Abreu, 2004, p. 81). Para além disso, é levado a identificar-se com as personagens, tornando-se assim o leitor mais humano. A experiência de leitura desenvolve nele a solidariedade, a capacidade de admitir a existência de outros pontos de vistas além do seu, e o seu discernimento a cerca da realidade social e humana (op. cit.).

Importa ainda acrescentar a perspectiva de Abreu (op. cit.) segundo a qual literatura é um conjunto de textos capazes de nos tornar pessoas melhores, que nos faz esquecer dos problemas do quotidiano, fugindo deles por meio dos sonhos e das fantasias.

Neste sentido, a leitura de obras literárias é a melhor forma de manter a consciência das injustiças e da necessidade de combatê-las. Ela força a uma reflexão sobre a realidade e permite que o leitor enxergue melhor o mundo em que vive, incorporando a experiência vivida no contacto com o texto às suas próprias experiências pessoais. Para além disso, promove o aprimoramento da intelectualidade, o desenvolvimento de um sentido ético e um olhar mais aguçado sobre a realidade (Bier, 2004, p. 35).

Para além das vantagens já referidas, importa ainda destacar que a leitura constitui uma fonte de prazeres. Segundo Barthes (apud Moraes, 1996, p. 12, 12-13, apud Bier, 2004, p. 34),

“os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para reflectir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar. A melhor maneira de começar a sonhar é por meio dos livros ... Aprender a dedicar-se totalmente à leitura, a viver inteiramente com os personagens de um romance – eis o primeiro passo,... Lemos até para esquecer (...) Ler é pastar.”

A literatura infantil, como meio de comunicação e modalidade da leitura, também é um dos mais eficientes mecanismos de recreação e lazer, servindo como um método prático de terapia educacional.

Bier (op. Cit, p. 34) salienta que:

“A boa literatura desempenha um papel fundamental na vida da criança, não apenas pelo seu conteúdo recreativo, mas também pela riqueza de motivações, sugestões e recursos que oferece ao seu desenvolvimento. Em seu descobrimento da vida, a criança está ávida por descobrir e entender a realidade circundante, deslumbrando os mistérios que a aproximam do mundo exterior através dos símbolos, da leitura infantil. Nessa curiosidade e deslumbramento deverá encontrar estímulos enriquecedores que serão a tônica de sua motivação e crescimento como pessoa humana.”

Abreu (2004, p. 112) apresenta uma outra vantagem da leitura afirmando que

“o interesse pela leitura favorece o encontro com a alteridade (de temas, de modo de expressar, de critérios de avaliação) dado que não há nenhum povo que não conta histórias, mas cada um tem o seu próprio jeito de fazer isso e uma maneira peculiar de apreciar essas produções. Deste modo o conhecimento da própria cultura e o interesse pela cultura alheia pode ser um bom motivo para ler.”

Para além disso, a leitura desempenha um papel fundamental no fomento de uma educação multicultural na medida em que as mensagens veiculadas nos livros promovem a aquisição de novos saberes, nomeadamente relacionados com distintas culturas, como já foi referido, com outras realidades e com novos valores, auxiliares da criança na construção do conhecimento e na compreensão da diversidade do mundo que o rodeia (Azevedo, 2006, p. 235).

Deve-se acrescentar que, ela incita os leitores na forma de ler a realidade e também lhes proporciona e oferece uma representação do mundo que ajudará a criança a socializar-se (Colmer apud Santana, 2007).

É nesta linha de ideia que Reis e Adragão (1992) afirmam que a leitura

“serve também para alargar horizontes, estimular a criatividade, conhecer-se melhor a si mesmo e aos outros, aprofundar os conhecimentos numa determinada área de especificidade, penetrar nas ideias e sentimentos de um autor, mobilizar os condimentos pessoais para a interpretação do que se lê e consultar outros documentos quando for necessário, detectar criticamente os aspectos positivos e negativos do que se lê, articular as novas ideias com

a experiência anterior, consolidando assim a sua personalidade no sentido de poder adoptar ao ritmo de leitura pessoal às necessidades do momento.”

Pelo que já foi exposto, há um reconhecimento de que a leitura deve ser contínua e activamente desenvolvida para se obter sucesso na aprendizagem de qualquer assunto durante toda a vida.

Deve estar presente em todas as disciplinas do currículo e também fora do espaço escolar. Enquanto actividade, principalmente, sob a tipologia de leitura funcional e leitura recreativa. Segundo o programa de Língua Portuguesa do 1º Ciclo (Matos e Lopes, 1997), o privilégio dado a esses dois tipos de leitura justifica-se pelos seguintes motivos: porque o aluno que transita para o 1ºCiclo do Ensino Secundário já domina os mecanismos básicos de leitura, isto é, os suportes da leitura fundamental que consiste em possuir pré-requisitos para o desenvolvimento de outras modalidades; pelo facto da leitura funcional ser um instrumento transversal do currículo e modalidade estimuladora de outros tipos de leitura; por a leitura recreativa contribuir para promover o prazer e o hábito de ler e representar uma forma de atender aos interesses e preferências do aluno.

Sendo assim, os objectivos programados para este nível de ensino, no que diz respeito à leitura, só serão atingidos e desenvolvidos a medida que o aluno vai dominando um conjunto de estratégias que lhe permitem ler diferentes tipos de texto, em função dos objectivos da aprendizagem, das finalidades da leitura e dos seus próprios interesses. Ainda, faz com que ela penetre no seu mundo mágico de sonhos, possibilitando dessa forma descobertas de novos mundos, enriquecimento e desenvolvimento da sua personalidade e das outras habilidades já mencionadas, ao mesmo tempo que adquira o gosto pela leitura.

É por isso que ao professor cabe o papel de apoiar o aluno no desenvolvimento de estratégias que lhe ajudam nesse processo. Dito de outro modo, deve estimular e proporcionar ao aluno o contacto com os livros.

1.3. A promoção do gosto pela leitura

“(...) a criança aprende pelo exemplo. O exemplo é, realmente, uma das formas mais poderosas de aprendizagem social. Vale também para a aprendizagem do prazer. O prazer de comer, beber, amor e ler” (Mota, 1995).

Actualmente lê-se e, por conseguinte, existem muitos leitores. Todavia, a leitura que é feita não é a leitura por gosto, é apenas instrumental (Azevedo, 2006, p. 33). A leitura por gosto, por prazer, por enriquecimento pessoal, por conhecimento do mundo, já não constitui objecto básico de leitura. Ela é utilizada como prática instrumental, para outras coisas como para aprender uma receita, estudar, perceber o funcionamento de um electrodoméstico, para procurar informação ou inclusive para conversar no ciberespaço. Tudo isso é possível porque os professores se preocupam tanto com a aprendizagem da leitura, com a instrução da leitura que se esquecem da leitura por deleite e prazer (op. cit.). É de realçar que este tipo de leitura é feito quando o leitor está motivado e sente o gosto em fazê-lo. Portanto é imprescindível, a motivação, sabendo que é determinante no desempenho de qualquer actividade.

É sabido que para despertar no leitor o gosto pela leitura, primeiramente, os animadores ou mediadores da leitura (pais, professores, escola e bibliotecas) têm que se sentir motivados de forma a se envolverem afectiva e apaixonadamente no acto de motivar para a leitura. Isto porque motivar para a leitura é um processo educativo consciente e intencionado, realizado para produzir um cerco afectivo e intelectual para com o livro, para que este contacto produza uma estimulação genérica (Santana, 2007, p. 93).

Nesse quadro, a motivação é feita para despertar na criança o desejo de participar na leitura que se inicia na sala de aula e nas actividades que se realizarão a partir da leitura. Mas, deve-se tomar muita cautela no que se relaciona com a concepção que muitos têm da referida habilidade. Deve-se ter sempre em mente que motivar para a leitura não é organizar festas nas aulas e bibliotecas para que os alunos se divirtam e se cerquem dos livros. Também, não é obrigar os alunos a fazer fichas de leitura cada vez que lêem um livro. No primeiro caso está-se a supor que ler é um esforço e uma actividade festiva. No segundo, confunde-se motivar para o hábito de leitura com exercícios e objectivos de língua (op. cit.). Entende-se que motivar para a leitura é aproximar a criança do livro de forma fruitiva para que ela possa apreendê-lo e fazê-lo dela, é despertar a curiosidade, contagiar, expandir, fazer chegar, e criar leitores activos, participativos, que através da

sua leitura, satisfaçam as suas curiosidades, cheguem a conclusões, contrastem com as suas próprias experiências aquilo que lêem (Azevedo, 2007, p. 166).

Essas necessidades advêm do facto de a leitura ser uma actividade complexa que requer esforço, perseverança e força de vontade. Não é algo que se aprende a força, mas sim pela prática, pelo gosto e pela motivação (op. cit. p. 151). Perante essa situação é necessário formar-se leitores que possuem as habilidades e técnicas de leitura, mas também que têm gosto por ela. Isso é possível através de actividades e jogos de sedução e reconstrução dos ambientes de prazer e fruição que estimulem para a leitura.

Para que essas possibilidades passem a ser factos, o professor como motivador da leitura, deve assumir atitudes tais como: fazer os alunos sentirem o interesse pelos diversos tipos de leitura; diversificar as estratégias de contacto com os textos de modo a evitar a monotonia dos esquemas e procurar e lançar na classe tipos variados de textos, que abarquem aspectos escolares (Grilo, 1991, p. 130).

Portanto, para desenvolver o gosto pela leitura, o docente deve, primeiramente, possuir também o gosto pela leitura, para além disso, deve ser um profissional dinâmico, criativo, que acompanha a mudança e as necessidades do aluno e, sobretudo, deve ser um profissional empenhado em trabalhar em equipa, para junto com os demais agentes educativos, fazer com que os eventos promovidos para o efeito aconteçam não só na sala de aula, mas sim, que sejam extensivas a escola, inclusive a biblioteca.

1.4 O perfil dos mediadores educativos e a promoção do gosto pela leitura

A prática permanente e estimulante da leitura promovida por mediadores conscientes do seu papel de orientador, ajuda a criança a reconhecer a importância da leitura. Deve-se resaltar que a formação de leitores é um trabalho de avanços e recuos, mas que não pode parar. Envolve persistência e uma grande motivação quer por parte do leitor, quer por parte dos mediadores, como já se tinha referido.

Na promoção da leitura é importante a figura do mediador, principalmente quando os destinatários são crianças e adolescentes.

Na infância e na adolescência, os leitores manifestam níveis diferentes e progressivos das suas capacidades de compreensão leitora e recepção literária. Por isso, é necessário um mediador que serve como ponte entre o leitor (criança e adolescente) e o livro. O papel de mediador é

habitualmente desempenhado por adultos com perfis específicos e instituições como por exemplo pais, professores, bibliotecários, escola, bibliotecas e livrarias (Azevedo, 2006).

O mediador é normalmente o primeiro receptor da obra, pois é ele que facilitará ideias e caminhos para realizar as leituras, e também para as escolher, porque o destinatário da mesma é ainda um ser em desenvolvimento (op. cit.).

Ele deve ter sempre em mente que inculcar na criança e no adolescente o gosto pela leitura não é trabalho de um dia, e nem se consegue mediante a fascinação de um momento brilhante ou espectacular, mas sim, que é necessário um conjunto de atitudes consequentes e coordenadas por parte dos mediadores.

Um outro aspecto que este responsável deve levar em conta é que o

“espetáculo, a surpresa e a novidade resultam bem, divertem, mas não são suficientes para convencer e instaurar hábitos culturais de leitura com solidez, se não forem acompanhados de um ambiente social propício, de infra-estruturas básicas, e sobretudo de adultos amantes do livro e da leitura, bem informados e convencidos do papel fundamental que desempenham na formação de hábitos de leitura” (Bastos, 1999, p. 284).

Isso quer dizer que o mediador tem de estar presente e consciente das suas funções no que concerne à leitura (Azevedo 2006, p. 37) e ter funções de: criar e fomentar hábitos leitores estáveis; ajudar a ler por prazer, diferenciando claramente a leitura obrigatória da leitura voluntária; orientar a leitura extra-escolar; coordenar e facilitar a selecção de leituras segundo a idade e os interesses dos seus destinatários; preparar, realizar e avaliar a animação da leitura.

A função primordial dos mediadores educativos no que diz respeito à leitura é de promover o gosto pela leitura. Mas, o problema que se coloca é o seguinte: será que os mediadores estão preparados e capacitados para exercer essa função? Pergunta-se porque é sabido que os mediadores devem preencher certos requisitos que são imprescindíveis tais como: ser um leitor habitual; partilhar e transmitir o prazer pela leitura; ter conhecimento do grupo e das suas capacidades para promover sua participação; ter uma certa dose de imaginação e criatividade; crer firmemente no seu trabalho de mediador: compromisso e entusiasmo, ter capacidade para informação suficiente e renovada, possuir uma formação literária, psicológica e didáctica mínima que possibilita entre outros, conhecimentos sobre: leitor e as técnicas que facilitam a leitura, um certo cânone de leituras literárias (Azevedo, 2006, p. 38).

Parafraseando Bacha (1969, p. 50), para o desenvolvimento do interesse infantil pela leitura é necessário “*uma escada e uma isca*”. A escada simboliza o material de leitura adequada a cada aluno de acordo com suas habilidades e interesses. A criança vai avançando gradualmente, adquirindo novos e mais elevados interesses e apurando o seu gosto. Por isso, cabe aos mediadores

proporcionar a escada ao jovem leitor, sugerir livros acessíveis, que possam entusiasamá-lo. As iscas são as várias actividades que os mediadores podem desenvolver para promover e motivar a leitura.

1.4.1 O papel da família

A família é a primeira estrutura social em que a criança se desenvolve. É nela que a criança inicia a sua socialização. Os pais e os outros elementos da família são as primeiras pessoas que se preocupam com a saúde da criança. É com eles que a criança aprende a dar os seus primeiros passos e dizer as primeiras palavras. Por isso é a eles que compete as primeiras estratégias para despertar o gosto pela leitura oferecendo-lhe livros como brinquedo, contando e lendo-lhe histórias.

Segundo Bier (2004, p. 72), o gesto de oferecer é cultivar na criança uma relação prazerosa, agradável e afectiva com o que ele veicula de valioso, em emoções e fantasias, para a interioridade humana, a primeira relação de prazer, ainda que seja só contacto físico com o texto.

Como já tínhamos referido, a leitura é fundamental para a questão da formação da personalidade de um indivíduo. Para isso, os mais novos precisam de ser instruídos para a leitura. Então, antes de aprenderem a ler é necessário criar neles o gosto pela leitura. Isso quer dizer que é importante que antes de começarem a aprender a ler, as crianças sintam que a leitura é algo que gostam de fazer, ou seja, elas devem desenvolver apreço pelos prazeres da linguagem escrita e pelas várias maneiras em que esta linguagem é útil (Cruz, 2007, p. 154).

Segundo Marinho (1987, p. 27), o interesse pela aprendizagem da leitura surge naturalmente quando a criança em casa vê os pais e irmãos ocupados na leitura de livros, cartas, jornais. No próprio lar histórias ilustradas lhe abrem as portas do reino da fantasia. Sendo assim, uma outra atitude dos pais, que pode propiciar o desejo pela leitura, é mostrar aos filhos que eles também gostam de ler. Os filhos nessa idade idolatram os pais e têm por hábito imitar tudo o que eles fazem. Como nessa faixa etária eles têm muita influência sobre os filhos, podem aproveitar a oportunidade para incutir neles o gosto pelos livros e pela leitura, visto que a infância é o momento em que as crianças estão receptivas a desenvolver hábitos que serão seguidos. Por isso, é essencial estimulá-las a ler desde pequena. Isso quer dizer que o interesse pelos livros deve ser estimulado desde a tenra idade.

Com isso, pode-se ver que a família e o ambiente familiar constituem o primeiro mediador na criação e no desenvolvimento do hábito de leitura que posteriormente é continuado na escola.

Dado que a leitura começa muito antes de se saber ler, os livros devem fazer parte do dia-a-dia da criança desde muito cedo. Os primeiros livros, em que a imagem predomina, permitem já uma

maneira particular de leitura, e ajudam desde logo a estimular e a desenvolver a criatividade e a linguagem (Bastos, 1999, p. 285).

Para se atingir esse objectivo, Azevedo (2006) sugere que os pais e ou os familiares devem adoptar atitudes tais como: dar livros às crianças mesmo antes de saberem ler; ler e contar histórias às crianças; preservar momentos de leitura partilhada, mesmo quando a criança já souber ler; evitar impor de forma autoritária os seus gostos pessoais à criança; compreender que a leitura não deve servir apenas como um objectivo utilitário; partilhar leituras com os seus filhos; visitar livrarias; comprar livros e frequentar bibliotecas juntamente com os seus filhos.

1.4.2 O papel da biblioteca

“Deixavam-me vagabundiar pela biblioteca e eu dava assaltos à sabedoria humana. Foi ela quem me fez (...) as densas lembranças, e a doce sem-razão das crianças do campo, em vão procurá-las-ia, eu, em mim. Nunca esgravatei a terra nem farejei ninhos, nem herborizei nem joguei pedras nos passarinhos. Mas os livros foram meus passarinhos e meus ninhos, meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo; a biblioteca era o mundo colhido em espelho; tinha a sua espessura infinita, a sua variedade e a sua imprevisibilidade” (Sartre, 1978, p. 59 apud Azevedo, 2006, p. 328).

Segundo Mateus (2009, p. 27), a biblioteca é considerada hoje, um espaço privilegiado de aprendizagem onde se concentra mais informação. Ela é parte integrante do processo educativo e os seus objectivos são essenciais para o desenvolvimento da literacia. Para biblioteca, nomeadamente a biblioteca escolar, destaca-se por ser um instrumento facilitador da integração e dinamização entre o processo de ensino aprendizagem e os recursos que a escola possui, isto porque ela é um instrumento didáctico pedagógico e cultural, e um elemento de ligação entre o aluno e o professor.

É nesta mesma linha de ideia que Becker e Grosch (2008, p. 41) afirmam que a biblioteca e o ensino são instrumento complementares, em que uma complementa a outra, pois uma escola sem biblioteca é um instrumento e a biblioteca sem ensino, (sem a alternativa de ordenar e organizar a leitura) será um instrumento vago. Tendo em conta que as actividades curriculares se essentam num processo de pesquisa, selecção, tratamento e produção de informações, a utilização da biblioteca e dos seus recursos é imprescindível nas práticas docentes (Mateus, 2009 p. 27). É por isso que ela é

uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem os estudantes, professores e pesquisadores. Como uma das instâncias socializadoras da leitura, ocupa um papel fundamental no que diz respeito ao seu envolvimento na relação entre o aluno e o livro.

Este mediador de leitura tem um trabalho a desenvolver junto dos alunos. Deve proporcionar-lhes o acesso a obras literárias, científicas e informativas, actuais e em diferentes suportes; e proporcionar o encontro com os livros através de recursos atraentes, ajustados, úteis e lúdicos e de formas de funcionamento fáceis e chamativas.

Com os professores, a biblioteca deve estimulá-los a utilizarem os seus recursos, de informação variados, na sala de aula e nas actividades docentes em geral, deve traçar os professores através de propostas de trabalho para as suas aulas que integrem materiais existentes na biblioteca, divulgar as novas aquisições e organizar dossiers ou ficheiros com informação que facilitam a utilização dos recursos no trabalho lectivo.

Sartre (apud Azevedo, 2006, p. 328) descreve a biblioteca como um espaço de devaneio e encantamento, de descobertas imprevisíveis e sedutoras, em que o seu contacto com o mundo e a realidade lúdica e mesmo cruel das peraltices infantis não se dá no ambiente livre e natural, mas sim, através de instituições mediáticas de leitura.

Becker e Grosch (2008, p. 38) também defendem que a biblioteca assume-se com um papel importante na promoção da leitura ao possibilitar as pessoas o acesso à leitura através do seu acervo, pois as suas pequenas acções podem constituir-se em eventos significativos neste sentido. Em função deste papel deve criar actividades que promovem, animem os alunos para a leitura tais como actividades colectivas, sociais, acto dirigido, acto ruidoso, mobilidade e de carácter lúdico festivo e gratuito. Deve facultar o livre acesso ao livro, criar salas de leitura para crianças e jovens (Bastos, 1999, p. 291). Essas actividades não formam leitores, no entanto permitem vencer o medo e romper certos distanciamentos entre o leitor e o livro.

Em consonância, o responsável pela biblioteca deve ter uma boa comunicação com os estudantes, ser agradável, criativo e principalmente deve saber compreender as crianças e conquistá-las (op cit, 42), fazendo com que a biblioteca seja um mediador que privilegia o prazer de ler em detrimento da obrigação. Para isso, deve

“permitir o livre acesso às estantes pelo público; contacto directo do usuário com o livro; os protocolos de leitura se subvertem; a criança encontra um espaço de livre acesso que lhe permite o contacto directo com o livro (podendo exercer a sua curiosidade e liberdade, manuseando-a sem intervenção do adulto); a catalogação e a disposição dos livros devem ser a mais adequada; deve haver orientação para a pesquisa e leitura (tanto dos alunos como dos professores); motivar os utentes para leituras futuras; apresentar os materiais novos e renovados que a escola recebe, por fim os empréstimos de livros deve ser prático e usual” (Azevedo, 2006 p. 327).

Para Fragoso (1996, p. 275), precisa-se, dentro das bibliotecas, não de guardiões de acervos, mas de articuladores de acção dinamizadores, não de contadores de livros, mas contadores de história, não de estatística, mas de qualidade de leitura.

Para isso, (Bastos, 1999) propõe algumas actividades que os funcionários das bibliotecas podem desenvolver para promover a leitura e animar os seus leitores a ler, que se propõe apresentar mais adiante no capítulo III.

Cada biblioteca pode e deve escolher as actividades que mais se adaptam à realidade da sua escola e ao perfil de seus alunos. Por isso, para que a sua utilização produza efeitos positivos é preciso que haja um trabalho contextualizado, sistematizado e articulado com os professores e os funcionários da biblioteca.

Portanto, as bibliotecas escolares devem constituir recursos básicos do processo educativo, por desempenhar um papel central em domínios tão importantes como a aprendizagem da leitura, a criação da literacia, o desenvolvimento do prazer de ler e a aquisição de hábitos de leitura.

1.5 O desenvolvimento do gosto pela leitura na escola e na sala de aula

Actualmente fala-se muito da falta de interesse e da falta de gosto pela leitura. Também muito são criticadas as escolas por se alienarem em relação à criação de condições para a resolução deste problema.

A causa deste problema pode estar relacionada com a forma como a escola encara a leitura e também com o tipo de abordagem da leitura que está a ser feito na sala de aula. Coloca-se neste caso a necessidade de a escola ensinar a ler e a gostar da literatura. O desenvolvimento destas habilidades parece ser da responsabilidade directa do professor, mas a escola deve, nesse sentido, reorganizar-se para atender às novas exigências, repensando-se todos os produtos culturais destinados a este fim e, de entre eles, especialmente o livro (Bier, 2004, p. 31).

A referida instituição deve estar intimamente ligada ao acto de estudar que, normalmente, tem sido considerado como de responsabilidade do aluno e da família (Lima, 2010). Ela deve disponibilizar ao aluno diferentes tipos de materiais informativos, que lhe possibilitem estudos. É importante que se reserve um horário, em sala de aula, para a leitura/estudo do texto, onde cada aluno (ou grupos de alunos) fará a leitura/estudo de acordo com seus interesses e necessidades (op. cit.).

A escola também deve estar atenta à formação do leitor levando em conta que o elemento básico da cultura, a linguagem, é a precondição de qualquer realização humana. Consequentemente, a leitura é vista como fonte de conhecimento e de responsabilidade na formação do leitor. Por isso, esta instituição deve passar a induzir os hábitos de leitura aos seus alunos, embora este seja um processo constante que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora através da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação (Bier, 2004, p.32). Também é dever dela criar um ambiente propício de leitura, em todas as perspectivas, e ajudar a desenvolver uma boa relação entre o livro e o aluno.

O estabelecimento de ensino desempenha um papel fundamental na promoção da leitura porque ele pode implementar estratégias conducentes que podem desenvolver a relação das crianças com o livro. Isso é possível dado que ele não pode ignorar nem omitir o valor pedagógico que a leitura tem durante o período da escolaridade, dado que a leitura é uma fonte de conhecimento e de responsabilidade na formação de leitor.

Segundo Rocco (1994),

“a escola trabalha com muitas interfaces da leitura, pois há o ler que se detém na busca de informações; há o ler puramente funcional, e há o ler do produto ficcional que deveria ser fonte de grande prazer para os estudantes. Com isso, percebe-se que há necessidade de proporcionar aos alunos uma leitura que além de lhes dar prazer, os leva a adquirir compreensão sobre o que estão lendo. Uma vez que a escola promove o intercâmbio entre a criança e a leitura ela tem a oportunidade de estimular o gosto e o hábito de ler.”

É neste sentido que (Bastos, 1999, p. 286) defende que é na escola que se abre as novas vertentes e dimensões da leitura. Ela é um dos locais privilegiados onde o encontro da criança com o livro se concretiza de forma cativante, em que se deve ter como objectivo criar leitores activos. Ela tem a oportunidade de implementar o desenvolvimento do gosto pela leitura, pois as suas acções face ao livro têm extrema importância para o desenvolvimento desta habilidade. Para isso, ela deve promover a Leitura fruição (literária). A grande preocupação em se formar “hábitos de leitura” e em formar “bons leitores” tem muito a ver com este tipo de leitura. Se o aluno tiver a oportunidade de ler por prazer provavelmente o hábito e o bom leitor se concretizarão (Lima, 2010).

Azevedo (2006, p. 27) afirma que desenvolver o gosto pela leitura implica: familiarizar precocemente a criança com uma variedade de textos literários, concedendo-a a oportunidade de conhecer obras em suportes variados, com temas, géneros e modos diversificados; permitir que a criança tenha contacto com textos de qualidade cativantes e culturalmente enriquecedoras; e também é preciso que os mediadores desta interacção sejam eles próprios bons leitores. Para isso a

escolha da obra tem uma grande importância, pois se o aluno não se interessar pela obra a relação entre o livro e o leitor não será proveitosa.

No entanto, parece que este trabalho não está a ser feito, ou então não está a surtir grandes efeitos, uma vez que os professores estão constantemente a reclamar que os alunos têm pouca fluência de leitura, que não têm o hábito de ler e que muitos não gostam de ler. Para pôr cobro a esta situação, o espaço escolar e, principalmente, a sala de aula deve ser alvo de atenção especial no sentido de deixar de ser mero depósito de leitura, sem vitalidade para se tornar em ambiente rico de estimulação do gosto pela leitura, visto que promover a leitura não consiste em: ler apenas por ler e impor autoridade à criança. O ensino da leitura deve ser feito de forma lúdica e divertida, capaz de despertar no aluno o sentimento de prazer que vá estimular o seu interesse pela leitura (Azevedo, op. cit.).

1.5.1 O papel do professor

À semelhança do que tem acontecido com as escolas, muito são criticados os professores pelo uso de métodos obsoletos de aprendizagem, sem proporcionar qualquer prazer para um aluno já relutante (Abreu, 2004, p. 111).

Partindo do pressuposto de que as crianças do primeiro ciclo do Ensino Secundário já dominam os mecanismos de decifração da leitura, há que apostar em continuar a ensiná-los a gostar de ler. Neste sentido, Sabrino (2000, p. 92 apud Mateus, 2009 p. 43) afirma que uma vez que a criança já alcançou este objectivo (aprender a ler), a meta profissional deve situar-se em ajudar os alunos a descobrir o prazer de ler, a felicidade que a leitura produz. Para isso, o professor deve procurar iniciar hábitos de leitura nos seus alunos tendo dois grandes desafios: desenvolver o gosto pela leitura e desenvolver a competência da leitura (op. cit. p. 46).

Sendo assim, quanto mais actividades, recursos diversificados forem propostas para a leitura, mais estimuladas estarão as crianças tendo em conta que as propostas lúdicas e desafiadoras despertam o interesse pela leitura. A literatura deve ser também um ato de entretenimento. Isto significa que além da leitura como informação e consequentemente, como fonte de acesso ao conhecimento e ao poder, o mais importante é a capacidade de se aliar isso ao prazer e entretenimento, pois é de se deduzir, por essa linha de pensamento, que o prazer na prática da leitura levará automaticamente o leitor ao conhecimento (Bier, 2004, p. 34).

Dado que esboço do leitor crítico adulto já vai sendo formado na infância, este processo deve então, seleccionar diferentes tipos de textos, literários ou não, que projectem a vida contemporânea do local onde as crianças estão inseridas, bem como de outros lugares e tempos, os diversos pontos de vista, estimulando discussões, reflexões e confrontos entre os textos procurando propiciar diferentes e diversos sentidos (op. cit).

Isso quer dizer que só se aprende a ler lendo e a gostar de ler se estimulados para isso, pois o hábito de leitura não é algo inato. Adquire-se progressivamente ao longo da vida e necessita de modelos de aprendizagem e de tempo. Por isso, os professores devem motivar os alunos para a leitura apelando para a sua imaginação e curiosidade do aluno.

Segundo Azevedo (2006, p. 44), o professor como motivador deve fomentar as primeiras tendências leitoras, consolidando-as com as estratégias mais adequadas a cada momento, apesar de ter um trabalho complexo.

Deve trabalhar com leitura de diversos tipos com os quais pretenderá alcançar diferentes objectivos como o de imaginar, instruir, proporcionar diversão e imaginação. Devido às exigências sociais, deve ensinar o aluno a ler todos os textos, tanto os literários que mantêm ainda uma posição privilegiada como os funcionais, imprensas, literatura infanto-juvenil, autores nacionais e autores traduzidos (Freire, 1994, p. 14). Ainda, deve criar na sala de aula um espaço onde a leitura recreativa possa ter lugar, quer com os livros trazidos de casa, quer com os existentes na escola ou simplesmente para falar com os alunos.

No entanto, deve-se levar em conta que há vários factores que se interferem na motivação das crianças para a leitura. Cabe ao professor identificá-los e em colaboração com os pais, criar ambientes apropriados dentro da sala de aula. Freire (op cit. p. 41) afirma que os professores que querem motivar os jovens para a leitura devem interrogar-se se eles mesmos usam a literatura de modo a levar os alunos a ler. Nota-se assim, que um desses factores é a própria motivação do professor.

É nesta perspectiva que ele (op cit, p. 49) sugere que os professores exponham frequentemente as crianças a literaturas interessantes; que os alunos sejam continuamente lembrados da importância da leitura, porque os professores lêem para eles diariamente; seja concedido tempo às crianças para lerem aquilo de que gostam; que todas as crianças tenham oportunidade durante o tempo de permanência na escola para verem ou para lerem os livros que lhes interessa. Os professores devem conhecer os interesses das crianças e reservarem tempo para sugerir e apresentar livros ou revistas que os motivam; mudar constantemente as estratégias de leitura consoante as necessidades das

crianças; a sua atenção deve se centrar na actividade com as crianças; em proporcionar-lhes experiências positivas, mais do que em ministrar um programa tal como foi escrito.

Pode-se dizer que a animação da leitura na sala de aula deverá ser contínua, uma vez que de acordo com a atitude do professor, este poderá desenvolver múltiplas actividades que de forma natural e permanente criam os tais encontros agradáveis com o livro (Bacha, 1999). Essas actividades podem ser de pré-leitura, de leitura e de pós-leitura, e o material sobre o qual se trabalha deve ser capaz de levar o aluno a descobrir o prazer de ler.

Para isso é necessário definir estratégias que possam ser postas em prática no contexto escolar de forma a tornar a leitura numa actividade aliciante e motivadora para captar o interesse dos alunos.

Uma condição imprescindível para cultivar na criança e no adolescente o gosto pela leitura é expô-los perante literaturas que vão ao encontro dos seus interesses. Deste modo o professor terá necessidade de possuir uma ideia aproximada do perfil dos seus alunos como leitores: dos seus conhecimentos e capacidades, dos seus interesses e expectativas, dos seus hábitos e cultura face ao escrito e à leitura. Em segundo lugar o professor deverá proporcionar actividades de leitura e criar o contacto com o livro (Barba, 2009).

Torna-se fundamental que o professor tenha uma concepção de leitura que realmente busque o desenvolvimento dos alunos e que ofereçam oportunidades positivas de contacto com os diversos tipos de textos, uma vez que o acto de ler é muito importante, como agente de aquisição de conhecimento de todas as disciplinas.

Por este motivo, o professor deve introduzir na sua prática pedagógica, metodologias e estratégias criativas, utilizando a leitura para estimular a emancipação pessoal e para buscar o desenvolvimento integral do aluno.

É de salientar que a relação comunicativa entre leitor-obra, deve ter, de um lado, um intermediário pedagógico que dirige e orienta o uso da informação, de outro, a cadeia de mediadores que interceptam a relação livro-criança, família, escola, biblioteca e o próprio mercado editorial, agentes controladores de usos que dificultam à criança a decisão e escolha do que e como ler (Bier, 2004, p. 30-31).

CAPÍTULO II - O GOSTO PELA LEITURA NO 1º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO

2.1. Apresentação

Como já foi referido, a leitura é uma tarefa essencial para a construção do conhecimento, do sentimento e da opinião crítica do indivíduo. Igualmente, é importante para a formação, desenvolvimento e construção da personalidade de uma pessoa, principalmente dos mais novos que estão ainda no processo de formação e crescimento. Com isso vê-se que este domínio da língua é muito importante na vida dos estudantes, principalmente dos do 1º Ciclo do Ensino Secundário, que ainda estão em fase de crescimento tanto no domínio cognitivo, como no psicológico.

Mas, o que acontece é que a leitura de obras literárias é vista, muitas vezes, pelos adolescentes, não como uma actividade de prazer, mas sim como uma tarefa árdua e cansativa (Marshall, 1975 apud Barba, 2009). Assim, cabe à escola e ao professor o papel de ajudar a desenvolver uma relação entre eles e o livro, implementando estratégias que despertem neles o gosto pela leitura.

Na implementação dessas estratégias, deve-se levar em conta que os interesses das crianças e adolescentes pela leitura são influenciados por vários factores, que o professor não deve desconhecer, tais como: a idade do aluno, o sexo, a inteligência, a atitude dos pais, a influência da rádio, cinema, e televisão, o acesso às obras, a habilidade de leitura e a atitude do professor e dos colegas (Bacha, 1969, p. 147).

Levando em conta o propósito da pesquisa que propomos desenvolver, questionamos:

- O que é que os mediadores educativos têm feito para incentivar os mais novos a ler?
- O que é que o professor e a escola podem fazer e/ou estão a fazer para promover o gosto pela leitura?
- Que lugar ocupam o professor e a escola na sua promoção?
- O quê que os alunos gostariam de ter como actividades que envolve a habilidade em causa?

Estas e outras questões pareceram-nos pertinentes para saber se os alunos têm gosto pela leitura, o que se tem feito neste sentido e propor estratégias que ajudam a superar os problemas relacionados com a referida problemática.

Para isso, aplicámos questionários a alunos e professores do 1º Ciclo do Ensino Secundário, para informarmos sobre o gosto pela leitura dos referidos alunos e do que se tem feito por parte dos agentes mediadores no sentido de a promover. Dito de outro modo, inquirimos os professores de Língua Portuguesa, na qualidade de principal mediador do fomento e promoção de estratégias para

o efeito, para sabermos o que têm feito neste sentido para incentivar os alunos a ler e para desenvolver neles o gosto por esta actividade. Também aproveitámos a oportunidade para lhes pedir sugestões, embora não fizesse parte do nosso objectivo inicial, como forma de partilhar experiências e tirar benefícios, já que estão no terreno.

A escolha das escolas, Centro Educativo Miraflores e Escola Secundária Manuel Lopes, reside-se, primeiramente, no facto de o estudo ser efectuado em escolas secundárias. O outro motivo tem a ver com a pretensão de abarcar um público mais heterogénio possível, que seja representativo de todas as camadas sociais, obtendo assim dados igualmente representativos do nível de ensino em que se efectuou o estudo, levando em conta que as condições sociais, culturais e económicas influenciam muito nos hábitos de leitura.

Antes de entrar, propriamente dito, na análise e discussão dos dados recolhidos, passamos a apresentar as informações sobre o contexto em que o estudo foi efectuado, incidindo sobre os elementos que são mais influenciadores das práticas e do processo de ensino e aprendizagem.

2.2 Caracterização do contexto

2.2.1 Escola de Miraflores

O Centro Educativo Miraflores de Cabo Verde é uma extensão dos Centros Educativos Miraflores que ficam situados no México e em Espanha. Entrou em Funcionamento em 24 de Setembro de 2005. Fica situado em Palmarejo Grande ao lado da Universidade Jean Piaget.

Características sociais e ambientais

Mira Flores é uma escola diferente das outras existentes em Cabo Verde, já que é a única escola do país que engloba numa única instituição o espaço para o jardim infantil, o Ensino Básico e o Ensino Secundário. Também difere das outras por ser uma instituição semi-pública.

Frequentam esta escola alunos de todas as zonas da Cidade da Praia (principalmente os das zonas mais renomadas) e, alguns do Concelho de Ribeira Grande de Santiago (por falta de escola e por ser a que fica mais próximo dessas localidades). Por ser uma escola semi-privada, acolhe alunos, na sua maioria, provenientes das escolas pública. Portanto, a maioria filhos de pais funcionários, com formação e que ocupam cargos públicos. Como a escola é semi-pública, a participação dos pais é maior, tornando-se os custos com a escolarização mais elevada. Assim torna-se selectiva.

Pressupõe-se que os alunos dessa escola têm fácil acesso aos livros, à internet e aos outros meios que possibilitam e facilitam a leitura, porque os seus pais têm mais disponibilidade financeiras.

Espaço físico da escola

No que concerne à estrutura interna, a escola dispõe de 28 (vinte e oito) salas de aulas, uma secretaria, duas salas de atendimento, uma sala multimédia, um refeitório, uma cantina, uma biblioteca escolar, uma enfermaria, duas salas do corpo directivo da escola, 9 (nove) casas de banho para alunos e professores, três laboratórios, uma capela para práticas religiosas, um parque infantil, uma residência para as Irmãs que habitam na escola, dois espaços para prática desportiva (pavilhão e placa desportiva). Importa salientar que o pavilhão dispõe de dois balneários e uma sala de professores.

Corpo Docente

Quanto ao corpo docente, nessa escola leccionam 39 (trinta e nove) professores, sendo 25 (vinte e cinco) licenciados, 1 (um) mestre, 9 (nove) com formação média (Instituto Pedagógico) e 3 (três) monitoras do Jardim Infantil que trabalham auxiliadas por 3 (três) ajudantes e coordenadas por uma Irmã.

Os professores que leccionam a disciplina de Língua Portuguesa são apenas 5 (cinco), sendo 3 (três) do sexo feminino e 2 (dois) do sexo masculino, todos formados para o fim.

2.2.2 Escola Manuel Lopes

A escola Secundária Manuel Lopes é um estabelecimento de ensino secundário criado oficialmente, pela portaria número nº 3 de Março 2003, publicada no Boletim Oficial nº 8 da I Série. A referida escola, é publica e fica situada na zona Sul da Calabaceira, junto à escola do Ensino Básico e Integrado António Nunes.

Características sociais e ambientais

No início da sua construção a escola Regina Silva, que é actualmente o seu anexo, situada em Achadinha, ficou como sede provisória da escola. Passou a ter sede oficial, em edifícios próprios, somente em Fevereiro de 2006.

Frequentam esta escola os alunos das zonas próximas da escola como: Calabaceira, Achadinha, Achada Eugénio Lima, Pensamento, Vila Nova, Safende, Ponta d'Água, São Martinho

Pequeno, São Pedro, Trindade e João Varela. Importa informar que a maioria dos habitantes dessas zonas têm baixo nível de escolaridade.

Quanto ao nível económico, um grande número de alunos é oriundo de uma família monoparental, assumida pela mãe, e alguns pertencem a uma família numerosa. A maioria dos encarregados de educação dos alunos dessa escola são mães que se dedicam à vendas ambulantes e a actividade do sector secundário, outras são empregadas domésticas e um número muito reduzido é formado e trabalha nos baixos cargos da função pública. Por isso, pressupõe-se que estão limitados em termos de a maioria dos alunos a maioria ter acesso a livro e outros meios de leitura.

Espaço físico da escola

Como já foi referido anteriormente a escola é composta por dois agrupamentos educativos: uma sede e um anexo, a escola central (sede) consta com dezoito salas de aula, com equipamentos novos e modernos, duas salas de directoria, uma secretaria, um auditório, um posto de saúde equipado com materiais para primeiros socorros, uma sala de informática, uma cozinha, uma arrecadação, um laboratório para Física e Química, oito casas de banho distribuídas para professores e alunos, biblioteca, um pátio (com mesas e cadeiras para o recreio dos alunos permitindo grande liberdade e circulação dos mesmos) e um pavilhão desportivo, totalmente equipado.

A escola apresenta excelentes condições de trabalho, mas o número de salas de aula revela-se insuficiente para o universo dos alunos que procuram o ingresso neste estabelecimento de ensino, o que faz com que a Escola Regina Silva seja utilizada como anexo.

O estudo foi efectuado no anexo, na Achadinha, na Escola Regina Silva, que foi construída no ano lectivo 1989 e 1990. Essa dispõe de doze salas de aula, um cantina, três casas de banho, uma sala de professores, possui um amplo salão que é utilizado para reuniões e actividades culturais. No entanto, a escola não dispõe de uma biblioteca, pois esta fica na sede central da escola.

Corpo docente

O corpo docente desta escola é composto por um total de 92 (noventa e dois) professores. Destes, 69 (sessenta e nove) têm formação superior, 10 (dez) têm curso médio e 13 (treze) estão em formação.

O universo de professores que leccionam a disciplina de Língua Portuguesa nessa escola é formado por um total de 11 (onze) professores que trabalham tanto na sede, como também no anexo

desta, Escola Regina Silva. Esses professores têm formação específica, excepto uma que é formada em História e uma que está em formação Superior não na área do ensino.

2.3 Caracterização da amostra

A nossa amostra foi constituída por 60 (sessenta) alunos, sendo 30 (trinta) pertencente as escola Manuel Lopes 15 (quinze) do 7º ano e 15 (quinze) do 8º ano e os outros 30 (trinta) pertencem à escola Miraflores 15 (quinze) do 7º e 15 (quinze) do 8º ano.

Também faz parte da nossa amostra alguns medidores da leitura, nomeadamente os professores de Língua Portuguesa e os pais e ou encarregados de educação. Professores temos 7 (sete) inqueridos, todos têm formação e leccionam o Primeiro Ciclo.

2.4 Apresentação e discussão dos dados

Como já foi referido anteriormente, o inquérito foi aplicado em duas escolas secundárias diferentes, Miraflores e Manuel Lopes. Em cada escola foram inquiridos, através de questionário, alunos de dois níveis diferentes, 7º e 8º ano, portanto, do 1º Ciclo do Ensino Secundário.

Apesar de terem características diferentes, o nosso objectivo não é fazer um estudo comparativo entre essas escolas e nem entre os níveis, mas sim, recolher os dados dos alunos em contextos escolares e familiares, que se pressupõe serem diferentes, para que, no final, se obtenha dados mais heterogénios possíveis, isto é, que abarcam todos os estratos sociais.

Utilizámos como método de pesquisa o inquérito por questionário porque é o mais adequado ao estudo extensivo a conjunto de indivíduos e também porque facilita a resposta a um sujeito que não saberia ou que poderia ter dificuldade acrescida em responder a uma determinada questão (Gomes, 2008). Para isso, também recorremos à revisão bibliográfica e vimos que é o método mais adequado para um estudo desta natureza e que tem sido muito utilizado em estudos relacionados com a Didáctica da Língua Portuguesa.

Convém informar que, antes da aplicação do questionário, os instrumentos foram submetidos a um pré-teste com vista a assegurar a clareza das questões e a sua adequação aos objectivos previamente determinados.

As variáveis que delimitámos para fazer o levantamento foram: os hábitos de leitura; o gosto pela leitura; o lugar onde se costuma ler; a ocupação dos tempos livres; o incentivo ao gosto pela

leitura; a frequência de leitura; a preferência de leitura; os factores que determinam a escolha dos livros; a frequência à biblioteca; a promoção da leitura na sala de aula; as actividades de leitura realizadas na sala de aula e a influência da família no incentivo ao gosto pela leitura.

Segue-se a apresentação, análise e discussão dos dados recolhidos junto dos referidos alunos.

2.4.1 Os dados recolhidos junto dos alunos

O hábito de leitura

Uma das primeiras perguntas colocadas com o intuito de indagar sobre o hábito de leitura dos alunos. Assim, verifica-se, através do gráfico 1, que 87% dos inquiridos têm hábito de ler e que apenas 13% não o têm hábito de ler.

O gosto pela leitura

Em relação ao gosto pela leitura, o gráfico 2 mostra que 97% dos alunos inquiridos gostam de ler e que apenas 3% não gostam.

Estes resultados são surpreendentes, na medida em que, ouvimos constantemente, como referimos na introdução, da parte dos professores de Língua Portuguesa do Ensino Secundário, a afirmação de que os alunos não têm o hábito e o gosto pela leitura. Mas, este caso não é isolado. Um estudo efectuado por Fecchi (2001) demonstra e comprova também que esta actividade é bem aceite pelos alunos e que eles têm um bom gosto por ela. O mesmo autor (op cit.) afirmou que factores importantes como a má formação dos professores, a falta de bibliotecas, a falta de motivação e a falta de estratégias de leitura podem estar a influenciar e a mascarar a realidade sobre esta actividade. Ele disse que a falta de uma boa estratégia para o desenvolvimento de uma aula de leitura pode ser o motivo relevante pela falta de interesse dos alunos. Pressupõe-se que o que deve estar a acontecer no contexto em estudo é o mesmo. Daí que esta contradição de informações merece ser reflectida no sentido de se descobrir onde reside o problema, ou então informar-se o quê que os professores e os alunos entendem por hábito e gosto pela leitura, ou então de que tipo de leitura estão a falar, visto que muitas vezes a leitura que não é literária não é levada em conta. Para se compreender melhor esta contradição, propõe-se confrontar, mais adiante, este dado com a dos professores, a respeito deste assunto.

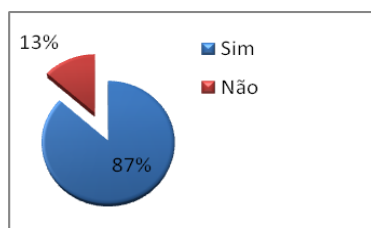


Gráfico 1 – Hábito de leitura

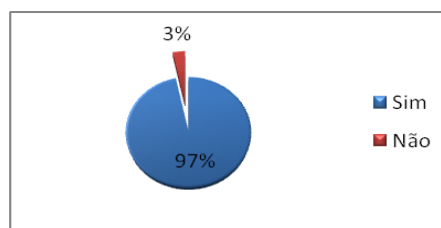


Gráfico 2 - Gosto pela leitura

Solicitados a justificar **porquê que gostam de ler**, conforme mostra o gráfico 3, 65% dos alunos afirmaram que gostam de ler porque ao ler aprendem novas coisas, 28% porque a leitura ajuda na aprendizagem do português e apenas 7% disseram que gostam de ler porque a leitura é divertida e ajuda a passar o tempo e a descontraír. Temos por exemplo um aluno que diz: “*Porque ler é bom e ajuda os alunos a compreender melhor as matérias.*” Um outro, na mesma linha de ideias responde: “*Porque ler significa aprender português.*” “*Porque ler é aprender e quando leio aprendo melhor*”. Apenas um aluno justifica que: “*Porque quando eu estou a ler me sinto a viajar sem me deslocar do lugar.*” E um outro que é da mesma opinião responde “*Eu aprendo muita coisa e me divirto muito*”.

Constatámos que a maioria dos alunos vê a leitura apenas como uma forma de aprendizagem, não a vê como algo prazeroso, divertido ou como um passatempo. Esses dados só vêem confirmar o que alguns teóricos da área defendem, nomeadamente Azevedo (2006, p.34), que hoje há mais leitores do que nunca, no entanto a leitura pela leitura, por gosto, por prazer, por enriquecimento pessoal, por conhecimento do mundo, já não constitui o objectivo prático da leitura. Azevedo (op. cit.) continua afirmando que muita da leitura que se pratica hoje é uma leitura instrumental. Constata-se essa prática de leitura nos nossos inquiridos através das justificações que apresentam do porquê que gostam de ler.

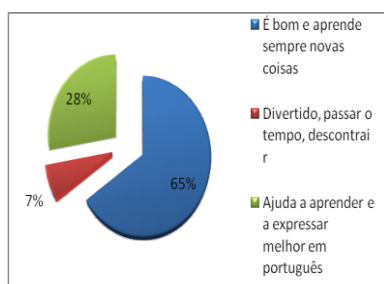


Gráfico 3 – Porquê que gosta de ler.

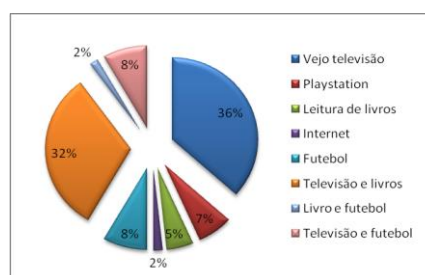


Gráfico 4- Ocupação do alunos no tempo livre.

Ocupação dos tempos livres

Para termos mais informações sobre os objectivos da leitura que fazem, perguntámos aos nossos inqueridos como ocupam os tempos livres. Verificámos (cf. Gráfico 4) que 36% ocupam os seus tempos livres vendo a televisão; 32% dividem o tempo entre a televisão e a leitura; 8% preferem o futebol; a mesma percentagem de alunos opta pela televisão e o futebol; 7% pelo Playstation; 5% têm como principal actividade de ocupação dos tempos livres os livros e os 4% dividem-nos entre a internet, os livros e futebol. Portanto, 41% dos alunos lêem por gosto e 5% dedicam os seus tempos livres exclusivamente à leitura.

Os dados também confirmam o que muitos teóricos dizem (Azevedo, 2006), que as novas tecnologias estão a ganhar espaço junto dos mais novos, pois estes se apresentam de forma mais atractiva e convidativa. Isso demonstra que é necessário um trabalho de incentivo e promoção da leitura do livro junto dos alunos, principalmente tendo em conta a importância e o contributo que a leitura tem no sucesso escolar, na formação do intelecto e da personalidade, no alargamento dos conhecimentos dos alunos, isso sem considerar a função lúdica da leitura. Para conciliar o útil e o agradável, seria bom usar as novas tecnologias nas actividades de leitura.

Lugar onde o aluno costuma ler

Interrogados sobre o lugar onde costumam ler, a fim de se obter as informações relativas ao cumprimento, por parte dos mediadores da leitura, da tarefa de fomentar o gosto pela leitura, verificámos (através do gráfico 5) que 40% dos alunos têm o hábito de ler em casa mais do que nos outros lugares; 27% lêem em casa e na sala de aula, 17% na sala de aula, 3% dos alunos costumam ler na biblioteca e sala de aula.

Obtivemos um dado animador dado que 67% lêem em casa, o que nos leva a pressupor que a família está a cumprir a sua obrigação neste sentido e que os alunos estão a ler espontaneamente. No entanto, não podemos fazer a mesma afirmação em relação à leitura na sala de aula, que é feita apenas por 57% dos alunos, isto tendo em consideração que o professor é o principal promotor do despertar do prazer de ler.

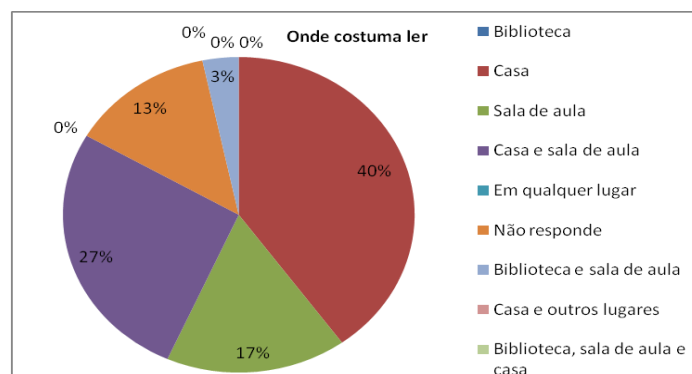


Gráfico 5– Lugar onde costuma ler.

O incentivo ao gosto pela leitura

O gráfico 6 dá-nos a conhecer qual é o principal motivo ou quem incutiu nos alunos inquiridos o “gosto” pela leitura. Verificámos que 50% dos inquiridos foram incentivados pelos conselhos dos pais; 25% ganharam o gosto pela leitura porque sentem prazer e gosto ao ler, 14% porque os pais têm hábito de leitura; 7% por conselho do professor, e 4% foram influenciados pelos amigos. Nenhum aluno teve foi influenciado pelas actividades que a escola desenvolve.

Mais uma vez se revela a dificuldade a nível da escola e dos professores. Este assunto será abordado mais adiante no que diz respeito às actividades de leitura que o professor aplica na sala de aula e às actividades que os alunos gostariam que fossem desenvolvidas nesse mesmo espaço e na escola.

Isso só vem a confirmar que os pais têm um grande papel na promoção da leitura, pois são eles quem proporciona à criança o primeiro contacto com os livros. A família e o ambiente familiar, como os primeiros responsáveis pela criação e no desenvolvimento do hábito de leitura (Bastos, 1999, p. 285), estão ao pôr em prática as suas funções como mediadores da leitura. Recorda-se que eles têm a função de criar e fomentar hábitos de leitura estáveis na criança.

Verifica-se também que os pais incentivam os alunos a gostarem da leitura sim, mas não têm o hábito de ler, visto que apenas uma pouca percentagem (14%) dos alunos foi incentivada porque os pais têm o hábito de ler.

Constata-se que uma percentagem significativa de alunos, que equivale a 25%, respondeu que gosta de ler simplesmente porque sente prazer e gosto em fazê-la. Isso vem confirmar a ideia de que é necessário que a criança se sinta motivada pelo que lê, pois ao gostar de ler um livro ele pode sentir-se motivado a ler outros e mais outros.

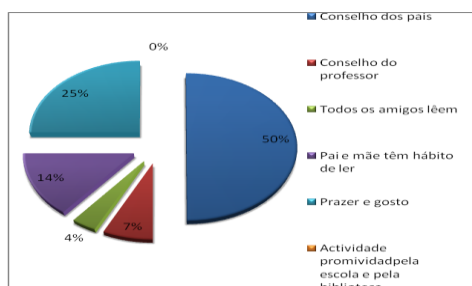


Gráfico 6- Principal motivo de gostar de ler.

Frequência de leitura

Questionados sobre a frequência com que lêem um livro, verificámos (cf. gráfico 7) que 41% dos alunos disseram que lêem quase todos os dias; a mesma percentagem disseram que lêem às vezes e apenas 18% dos alunos lêem todos os dias. Desses alunos, 0%, correspondente a 1 (um) é que costuma ler nas férias, o que confirma ainda mais a utilidade que os alunos dão à leitura, visto que, de acordo com esses dados os alunos lêem somente no período escolar com o objectivo de assimilar os conteúdos académicos. Como nas férias não têm que estudar logo deixam a leitura de lado. Este dado confirma que o tipo de leitura que os alunos fazem é essencialmente funcional e informativo.

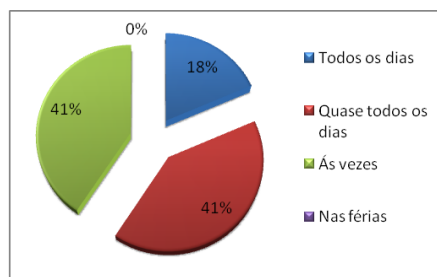


Gráfico 7 – Frequência com que lê

Preferências de leitura

No que se relaciona com o tipo de livro que os alunos mais gostam de ler, constatámos (cf. gráfico 8) que 36% dos alunos gostam de ler mais a banda desenhada; 32% optam por livros escolares; 18% preferem romances, novelas, e contos; 7% livros de literatura infanto-juvenil e os restantes, 7%, gostam de ler revistas e jornais.

A partir destes dados, podemos chegar à conclusão que os alunos não gostam muito de ler obras extensivas, pois como podemos constatar, esses livros estão nos últimos lugares das preferências dos alunos. É natural porque, como já vimos, fazem mais leitura informativa e

funcional. Isso pode estar relacionado com os tipos de textos que o professor leva para a sala de aula (cf. gráficos 12 e 13) e tratamento e utilidades que se dá aos textos na sala de aula.

Na sala de aula de português o tipo de leitura que prevalece é a funcional, e na maioria dos casos, para não dizer sempre, são textos fragmentados destinados a atingir os objectivos sugeridos nas planificações, que geralmente são diferentes aos da prática leitora. Nas outras disciplinas faz-se leitura informativa.

Os livros de banda desenhada são importantes e têm as suas utilidades. No entanto, na maior parte dos casos, as leituras obrigatórias da escola não levam em consideração as preferências dos alunos por este tipo de texto. Desta forma os alunos podem ficar inibidos e desmotivados para a leitura, principalmente a de obras extensas, porque estão mais acostumados a ler trechos. Isso pode fazer com que se sintam preguiça perante a leitura de obras extensas. Daí que pressupomos que devem ser estes os motivos que estão por detrás dessas preferências.

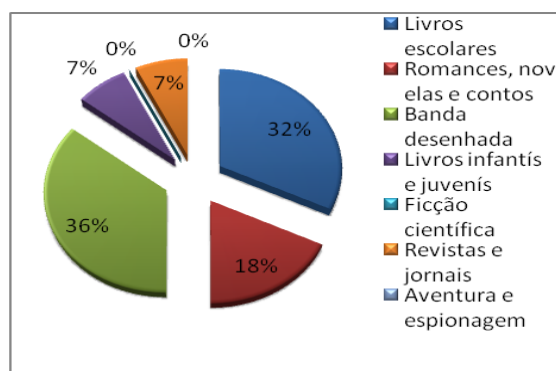


Gráfico 8 – Livros que mais gosta de ler.

Factores que determinam a escolha do livro

É de notar no gráfico 9 que para 48% dos alunos, o que determina a escolha de um livro é o título, para 16% é a capa, 12% afirmaram que é o conselho dos pais, 12% a publicidade, 8% o autor e 4% o título e o resumo.

Devemos informar que o que pretendíamos era indagar sobre a influência dos pais e dos professores na escolha do livro.

Podemos dizer que os alunos se demonstraram ser autónomos neste sentido e que dão mais importância a estrutura externa de um livro (capa, título) seguida da publicidade. Este

dado é importante porque permite ao professor fazer uso desses elementos paratextuais¹ para promover e motivar os alunos para a leitura.

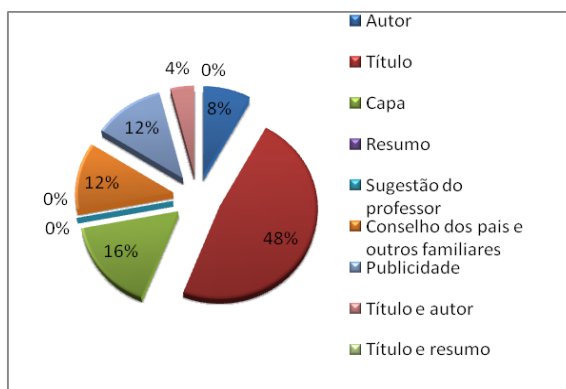


Gráfico 9 – O que é determinante na escolha de um livro.

Frequência à biblioteca

Perguntámos aos alunos se costumam frequentar a biblioteca da escola e porquê que costumam frequentá-la, com intuito de saber qual é a importância da biblioteca para a questão em estudo se ela tem desempenhado o papel que tem. Assim, o gráfico 10 mostra que 68% dos alunos disseram que costumam frequentar a biblioteca da escola e 28% disseram que não.

O gráfico 11 dá-nos conta de que 28% dos alunos vão à biblioteca para estudar e fazer pesquisas e trabalho de grupo; 27% vão para ler e estudar; 18% vão à biblioteca porque encontram ali livros de que precisam para os estudos e também porque encontram livros interessantes. Os restantes vão à biblioteca para estudar fazer trabalhos de grupo e pesquisas.

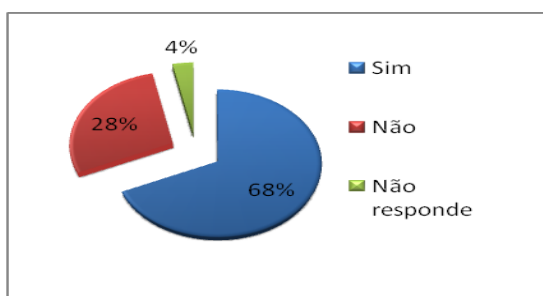


Gráfico 10 – Costuma frequentar a biblioteca da escola.

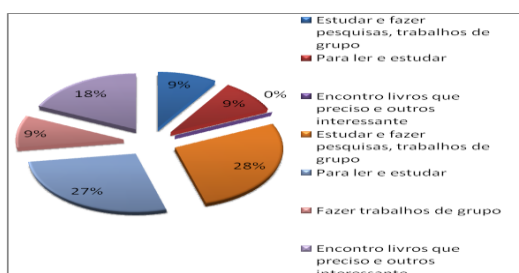


Gráfico 11 – Porquê que costuma frequentá-la.

¹ No capítulo III daremos algumas sugestões de actividades de incentivo á leitura que o professor pode fazer a partir dos elementos paratextuais de uma obra.

A promoção da leitura na sala de aula

Com a intenção de saber como os textos são trabalhados pelos professores na sala de aula e o que é que os alunos acham desses textos, questionamos os alunos a este respeito.

Constatámos (cf. Gráfico12) que para 30% dos alunos os textos analisados nas salas de aula são interessantes, 27% afirmaram que só lêem o manual, 27%, apesar de lerem apenas textos do manual, gostam da maioria deles, 13% dos alunos gostam da maioria dos textos e apenas 3% não gostam desses textos.

Podemos dizer que os textos trabalhados na sala de aula são do agrado da maioria dos alunos. O facto de os alunos gostarem dos textos trabalhados na sala constitui por si só um dos elementos para a motivação à leitura, pois primeiramente os alunos têm que gostar do texto. No entanto, a utilização de um único recurso didáctico acaba por levar os alunos a ficarem acomodados a um tipo de texto, o que faz com que não tenham contacto com outros tipos de textos, permitindo assim, que conheçam os outros tipos e, possivelmente, ganhem o gosto por eles.

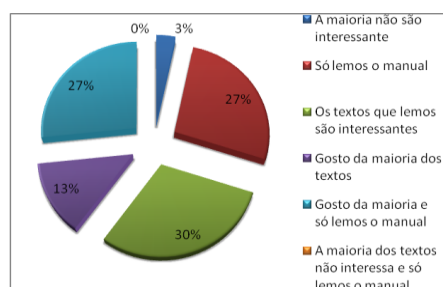


Gráfico 12 – Características dos textos analisados na sala de aula.

Actividades de leitura na sala de aula

Como queríamos saber que utilidades têm esses textos na sala de aula, perguntámos aos alunos como o professor os trabalha. De todos os inqueridos (cf. o gráfico 13) 80% responderam que o professor faz apenas leitura e interpretação (no real sentido) com os textos e 20 % afirmaram que o professor faz outras actividades com esses textos para além de leitura e interpretação.

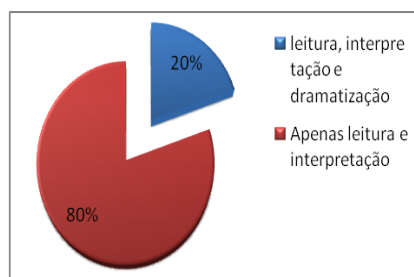


Gráfico 13 – Actividades que o professor faz na sala de aula.

Apresentámos aos alunos um quadro com actividades, que podiam ser aplicadas na sala de aula, como forma a promover a leitura, para que escolhessem a que gostariam que fosse desenvolvido na sua sala e na escola. É de se notar (cf. gráfico 14) que apenas 7% dos alunos continuam a querer sessões de leitura e interpretação. Dos restantes 23% preferem a apresentação de livros, 23% optaram por sessões de leitura dramatizada, 20% escolheram formar clubes de leitura, 13% concursos de leitura e 14% escolheram encontro com escritores. Pode-se interpretar que as actividades que os professores promovem na sala de aula não vão de encontro aos gostos e interesses dos alunos..

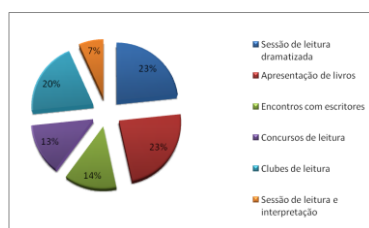


Gráfico 14 – Actividades de promoção da leitura na sala de aula.

Influência da família no incentivo ao gosto pela leitura

Para termos uma noção do ambiente familiar dos alunos perguntámos-lhes se têm livros em casa. Dos alunos inqueridos, 95% afirmaram que possuem livros em casa e apenas 5% não os têm.

Os dados demonstram que a família está a desempenhar o seu papel, que é a de proporcionar o primeiro contacto com o livro. Esta tarefa fica facilitada quando os pais têm livros em casa, mostrando assim a sua importância para a criança.

Dos que responderam que sim (cf. Gráfico 16) 41% afirmaram que têm mais de 20 livros em casa, 33% têm entre 10 a 20 livros e 26% têm menos de 10.

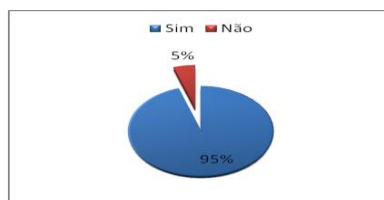


Gráfico 15 – Existência de livros em casa.

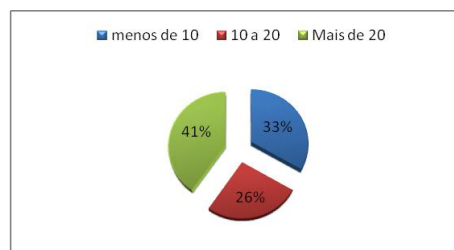


Gráfico 16 – Número de livros que tem em casa.

Ao relacionarmos o número de livros que os alunos têm em casa com o que fazem para ocupar os tempos livres, verificámos (cf. Gráfico 17) que a maioria dos alunos que têm mais de 20 livros ocupa os tempos livres com a leitura e a televisão; aqueles que têm menos de 10

responderam que têm como ocupação dos tempos livres a televisão. Isto significa que ter livros em casa influencia pela positiva o hábito de leitura.

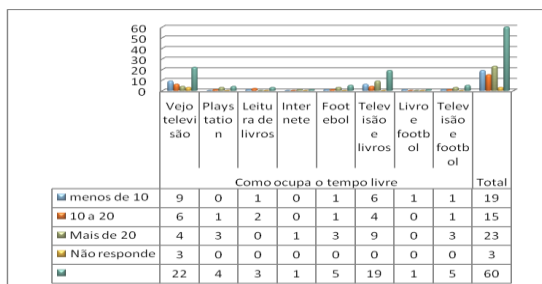


Gráfico 17 – Comparação do número de livros em casa com a ocupação dos tempos livres.

2.4.2 Apresentação dos dados dos professores

A percepção que os professores têm sobre contribuição da escola no gosto pela leitura

Observemos as percepção que os professores têm sobre a contribuição da escola no desenvolvimento do gosto pela leitura. Ao serem interrogados neste sentido, (cf. quadro 1), 5 (cinco) responderam que a escola pouco contribui para isso, apenas 1(um) é de opinião que a escola contribui muito e 1(um) é de opinião que a escola nada contribui para o desenvolvimento do gosto pela leitura. No dizer desses professores, os alunos não gostam de ler pelos seguintes motivos:

Pouca importância que a escola atribui à leitura: “*Pouco espaço dado a esta competência*”; “*Porque a escola não faz inovações e nem cria espaço para tal*”; “*Não promove nenhuma actividade que pode despertar o gosto pela leitura.*”

Mau funcionamento da biblioteca: “*Devido ao mau funcionamento da biblioteca*”.

Pouco acesso aos livros por parte dos alunos: “*A maior parte dos alunos não têm acesso aos livros.*”

Atitude do professor: “*Depende da atitude do professor.*”; “*Pouco rigor nas estratégias de leitura que se aplicam na sala de aula.*”

	No de professores
Muito	1
Pouco	5
Nada	1

Quadro 1 – A opinião dos professores sobre o contributo da escola para a promoção da leitura.

A promoção da leitura na sala de aula

Em relação à promoção da leitura na sala de aula, perguntámos-lhes se os professores influenciam ou não os alunos no gosto pela leitura (cf. Quadro 2). Dos inqueridos 5 (cinco) responderam que sim, e 2 (dois) responderam que não. Notámos que ainda há professores que não têm consciência do seu papel na promoção do gosto pela leitura.

Os professores que responderam afirmativamente, acharam que os professores podem influenciar o aluno a gostar da leitura através das actividades que desenvolvem na sala. As suas respostas são as seguintes:

“Influencia com o tipo de actividade que desenvolve na sala de aula e com as propostas de leitura que promove.”

“O professor pode incentivar o aluno a ler contando pequenos trechos interessantes de alguns livros que leu, assim mostrando a importância da leitura.”

“O professor tenta desenvolver na sala actividades de leitura.”

“Contando-lhe histórias de um livro e depois mandando-lhes ler.”

Os que afirmaram que o professor não influencia na promoção do gosto pela leitura, justificam-na dizendo que os alunos não gostam de ler e que estes são pouco motivados na sala de aula, para a prática da leitura, dando as seguintes respostas deixando transparecer as causas:

Os alunos: *“Porque os alunos não gostam de ler na sala de aula por vontade própria e nem trazem material para a aula.”*

Os professores: *“A leitura é muito pouco motivada nas aulas de língua portuguesa em todas as suas habilidades.”*

Como já tivemos a ocasião de afirmar, a forma como os alunos vêem a leitura e fazem uso dela, depende das atitudes da escola e do professor perante a leitura. Isso quer dizer que o professor pode influenciar o aluno a gostar da leitura. Para isso ele tem que tomar algumas providências para poder influenciá-los pela positiva.

Mas, como se sabe, a percepção que os professores têm de leitura influencia as suas práticas e na utilidade que eles dão à leitura (Gomes, 2008). Por isso, sentimos encorajadas porque esperamos que este inquérito vai lhes servir para tomarem consciência e mudarem as representações e consequentemente as práticas.

	No de professores
Sim	5
Não	2

Quadro 2 – A influência do professor na promoção da leitura.

O Professor na promoção da leitura na sala de aula

Vejamos agora o que pensam os professores sobre o papel que têm na promoção da leitura na sala de aula. Neste aspecto eles foram categóricos, pois, interrogados se desenvolvem ou não actividades que despertam no aluno o gosto pela leitura, todos os inqueridos responderam (cf., quadro 3) que sim. Então perguntámos-lhes que actividades² promovem. Deram as seguintes respostas:

“Leitura expressiva e interrogativa, leitura recreativa.”

“Interpretação de vários textos do manual, revistas e jornais e outros livros.”

“Leitura de textos em grupo, mini concursos na sala de aula, troca de livros entre os aluno.”

“ Trago novos textos, faço concursos de leitura, reconto de histórias.”

“ Leitura de textos na sala de aula, concursos de leitura.”

“ Exijo sempre o manual na sala de aula, trago outros textos.”

	No de professores
Sim	7
Não	0

Quadro 3 – O professor promove, ou não, actividades de leitura.

A partir dessas actividades que os professor desenvolvem na sala de aula, como actividades de promoção da leitura, podemos entender porquê que os alunos fazem uso unicamente da leitura instrumental. Pois, incentivar para a leitura, como podemos constatar no

² Cf. Quadro 3.1 no anexo

capítulo anterior, no ponto que se refere à promoção da leitura, não consiste unicamente em fazer os alunos ler um texto simplesmente por ler, e nem é realizar actividades soltas, ou organizar festas, ou muito menos impor a nossa autoridade sobre os alunos. Motivar para a leitura consiste em desenvolver actividades contínuas, objectivas, divertidas e lúdicas também.

Segundo Azevedo (2007, P. 166), animar para a leitura consiste em despertar no aluno a motivação, o interesse e a curiosidade para o texto trabalhado. Essa motivação deve ser feita a partir de actividades de promoção da leitura, de forma lúdica e divertida para promover um encontro feliz entre o aluno e o texto. Por isso, é imprescindível que o professor esteja munido de ferramentas que conduzam ao gosto pela leitura, para que o acto de ler não seja monótono, aborrecido e obrigatório. Deve fazer uso das estratégias que envolvem actividades próprias para isso, que percorrem a aula de leitura. Melhor dito: actividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura. Convém adiantar que apresentaremos algumas sugestões de actividades para esse efeito no próximo capítulo.

O desempenho da escola na promoção e incentivo à leitura

Pretendíamos informar junto dos professores se as escolas onde trabalham desenvolvem actividades de promoção da leitura. Constatámos, como se pode verificar no gráfico 4, que nas escolas onde eles trabalham não se promove actividades de leitura.

	No de professores
Sim	0
Não	7

Quadro 4 – A escola onde trabalha promove actividades de incentivo a leitura?

O quadro 5, ilustra as respostas dadas pelos referidos agentes educativos sobre o gosto pela leitura dos seus alunos. Como se pode verificar, 3 (três) professores disseram que os alunos não gostam de ler, 2 (dois) responderam que alguns alunos gostam de ler 2 (dois) responderam que quase todos os seus alunos gostam de ler.

Estes dados contradizem os dos alunos (como podemos constatar no inquérito feito a eles), que responderam que gostam de ler. Nota-se uma incoerência no discurso desses dois actores educativos. Confirma-se deste modo o que se fez referência a este respeito na abordagem teórica desta questão. Portanto, é natural que os professores pensem assim dos alunos quando não criam condições e oportunidades que permitem demonstrar e desenvolver o gosto pela leitura. Aliás, as justificações apresentadas por esses professores acabam por dar razão aos alunos. Passa-se a apresentá-las:

Os alunos: *“Porque os alunos não gostam de ler na sala de aula por vontade própria e nem trazem material para a aula.”*

Os professores: *“A leitura é muito pouco motivada nas aulas de língua portuguesa em todas as suas habilidades.”*

Todos os problemas apresentados são passíveis de serem resolvidos por eles, desenvolvendo actividades adequadas às necessidades. Contudo, pensamos que com esta chamada de atenção os professores mudem de concepção e de práticas. A seguir apresenta-se os dados referentes a estes aspectos.

	No de professores
Quase todos	2
Muitos	0
Alguns	2
Poucos	0
Não gostam de ler	3

Quadro 5 – Os alunos da sua escola gostam de ler?

Sugestões para a promoção do gosto pela leitura ao nível escolar

Questionados sobre o que acham que a escola deve fazer para desenvolver no aluno o gosto pela leitura, a maioria dos professores propõe que a escola deve dar mais atenção ao desenvolvimento desta modalidade criando e desenvolvendo actividades que promovam a leitura, devia também desenvolver actividades que incentivam os alunos a frequentar as

bibliotecas e por fim propõem que os coordenadores da disciplina da Português deviam também desenvolver actividades que servem para esse fim.

A partir dessas sugestões, ficou claro que os professores têm consciência de que é possível promover estas actividades e que afinal o desenvolvimento do gosto pela leitura é uma responsabilidade da escola e dos professores. Isto demonstra também que os dois mediadores podem muito bem por em prática actividades para esse fim.

Tipos de textos trabalhados na sala de aula

No que diz respeito ao tipo de textos que os professores levam para as aulas, importa destacar que esta pergunta foi colocada com o fito de saber se há diversificação de modo a corresponder com os diversos gostos, necessidades e interesses, e, sobretudo, se têm preocupação com o desenvolvimento do gosto pela leitura. Podemos verificar (cf. Quadro 6) que todos os professores inqueridos 6 (seis) utilizam sempre os textos do manual nas suas aulas; os recortes de jornais e revistas e extratos de livros são levados para a sala de aula de às vezes por todos os inqueridos; 5 (cinco) professores levam às vezes livros de banda desenhada para as aulas. Vê-se que os professores usam mais o manual. Mas é de se salientar que o referido manual apresenta algumas actividades que visam promover o gosto pela leitura³.

	Textos do manual			Recortes de jornal e revistas			Extractos de livros			Banda desenhada		
	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca
No de professores	6	1	0	0	7	0	0	7	0	0	5	2

Quadro 6 – Tipo de textos que leva para as aulas.

³ Manual de Língua Portuguesa, 1º Ciclo, 7º e 8º ano de escolaridade (cf p, 152 a 161).

Critérios de escolha dos textos

Quanto aos critérios que os professores utilizam para escolher os textos que leva para a sala de aula (cf. quadro 7), verificámos que de todos os professores inqueridos, a maioria, 4 (quatro) escolhem sempre os textos recomendados pelo programa, apenas 3 (três) professores o fazem às vezes.

Quanto à escolha dos textos mais adequados ao conteúdo, a maioria, 6 (seis) escolhe sempre os mais adequados com o conteúdo. O interesse do aluno e a sua realidade é tida em consideração às vezes pela maioria dos professores.

A escolha de textos que permitem diversificar as estratégias e modalidades de ensino, dos inqueridos, 3(três) levam sempre em conta este critério, 2 (dois) às vezes e 1 (um) nunca as leva em conta. Nenhum dos inqueridos escolhe qualquer texto para levar para a sala de aula.

	Recomendação do programa			Os mais adequados para o conteúdo			Relacionados com a realidade do aluno			Interessante para o aluno			Aquele que permite diversificar as estratégias e modalidades de leitura			Qualquer texto		
	Se mpre	Às vezes	Nunca	Se mpre	Às vezes	Nunca	Se mpre	Às vezes	Nunca	Se mpre	Às vezes	Nunca	Se mpre	Às vezes	Nunca	Se mpre	Às vezes	Nunca
No de profes sores	4	3	0	6	1	0	2	4	0	2	4	0	3	2	1	0	0	7

Quadro 7 – Critério que utiliza na escolha dos textos que leva para a sala de aula.

Podemos constatar que uma grande parte dos texto que os professores levam para a sala de aula são os recomendados pelo programa, por isso levam sempre os que estão relacionados com os conteúdos a leccionar. Às vezes é que levam para a sala textos que interessam aos alunos e este critério muda de grau de importância de professor para professor.

Com isso vê-se que são pouco criativos e que estão muito presos às sugestões dos programas e dos manuais. E a utilização desses critérios na escolha dos textos levados para a

sala de aula repercute na percepção que o aluno tem da leitura e na forma como ele faz uso dela.

Dificuldades na promoção da leitura

Visávamos também saber quais são as dificuldades com que os professores mais se deparam na sala de aula no que toca à promoção da leitura. Questionados a este respeito, os professores deram as seguintes respostas:

Dificuldades estruturais, pessoais e nos recursos

“As dificuldades na promoção da leitura têm a ver com o acesso ao material didático com o interesse pessoal e com a própria estrutura das turmas e das escolas.”

“Falta de materiais didáticos, as más condições físicas da sala de aula, o excesso dos alunos na sala de aula.”

“Falta de interesse por parte dos alunos, as condições da escola, a superlotação das turmas”

“Os alunos têm medo de ler, dificuldades financeira.”

Dificuldades na motivação pessoal e nos recursos

“Desmotivação por parte dos alunos, pouco hábito de leitura, o próprio programa e a planificação não são muito adequados.”

Dificuldades socioeconómicas, ambientais e culturais

“A família carenciada dificulta, pais analfabetos, o ambiente inadequado também não favorece.”

Podemos verificar que segundo os inqueridos, as dificuldades da promoção da leitura residem nos alunos e no Programa de Língua Portuguesa. Atribuem culpas aos outros. Estes dados levam-nos a ver que não têm consciência das limitações e responsabilidades que têm

nesta matéria. Não colocam, nem sequer, a hipótese de que a culpa pode estar a residir neles pelos métodos e técnicas absoletos que utilizam.

Sugestão de actividades

Por fim, na última questão do inquérito, pedimos aos professores que sugerissem actividades que podiam servir para melhorar o interesse dos alunos perante a leitura. Os professores sugeriram actividades como:

“Fazer trabalhos colectivos (escola-família); ter um controlo mais rigoroso do trabalho dos professores e mudar alguns conteúdos, também trabalhar por competência.”

“Concursos de leitura premiar os vencedores com materiais didáticos, maior ênfase à leitura lúdica e recreativa.”

“Talvez um manual com textos mais ilustrativos, textos interessantes que cativam o aluno para o gosto pela leitura.”

“É necessário uma mudança em termos de conteúdo, mais empenho por parte dos professores que deverão encontrar estratégias para desenvolver as competências.»

“É necessário mudar os temas e os conteúdos, mais empenho por parte dos professores.”

“Manuais tenham textos mais interessantes e criativos, que promovam a leitura e a escrita, história em quadradinhos, contos infantis”.

Essas sugestões são boas e servem para o finalidade apresentada. Neste ponto encontra-se elaborado de forma implícita, a auto-responsabilização, pois as sugestões centram-se nas estratégias dos professores. Com isso pressupõe-se reconhecer o seu papel neste processo.

2.4.3 Síntese

Os dados obtidos com o inquérito deixam transparecer que os alunos gostam de ler e que têm hábitos de leitura, embora os professores afirmem o contrário.

Pressupõe-se que a causa desse problema está na forma como os diferentes agentes interpretam a modalidade de leitura de que se está a falar. Se o professor estiver a referir ao

hábito de ler por prazer, ele está certo porque notamos que os alunos, na sua maioria, não vêem a leitura como uma actividade lúdica. Eles vêem-na mais como uma forma de aprender, de estudar, uma obrigação. Mas também vimos que os professores não estimulam os alunos a fazer a leitura por prazer.

Essa forma de encarar a leitura tem a ver com o tratamento que é dado a leitura tanto por parte da escola como por parte do professor. A escola não faz nada para mostrar aos alunos que a leitura é importante e muito menos desenvolve actividades que possam mostrar ao aluno um outro lado da leitura, a leitura por deleite.

Os professores não fazem nada para melhorar a situação, pois, as actividades que envolvem a leitura na sala de aula consistem mais na interpretação de textos dos manuais. Apesar de a maioria dos alunos gostar dos textos trabalhados na sala, as actividades realizadas não vão de encontro com a promoção da leitura junto dos alunos, porque essas actividades são sempre as mesmas (interpretação de textos). Por isso, os alunos vêem a leitura como algo enfadonho, sem brilho e sem prazer.

Então podemos concluir que a promoção da leitura não está a ser feita nem por parte da escola nem por parte do professor. É necessário promover a leitura investindo em actividades de preferência lúdicas, criativas e não obrigatórias para os alunos.

Como ficou visto ao longo do trabalho, para se ganhar o gosto é necessário ter hábitos de leitura, para ter esses hábitos é necessário ler e para ler é necessário estar-se motivado para esse fim. Então, para motivar para a leitura é necessário promovê-la através de actividades de incentivo.

CAPÍTULO III - PROPOSTAS DE ESTRATÉGIAS PARA A PROMOÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA

3.1 Introdução

Segundo Azevedo (2007, p. 51), lê-se para desenvolver as competências de leitura, para alargar os conhecimentos, para desenvolver-se socialmente (compreensão do outro), para identificar-se com o outro, para buscar sentidos e compreender o mundo e também em busca de prazer. O desenvolvimento de uma boa relação com o livro proporciona ao aluno o desenvolvimento do espírito crítico, a abertura de novos mundos e novos horizontes, um novo olhar sobre o outro e também o gosto pela leitura e pelos livros.

Trata-se de um dado adquirido que muitos alunos aprendem a ler mas não ganham o gosto pela leitura.

Os resultados dos questionários feitos aos alunos demonstram que eles gostam de ler. No entanto, não têm o hábito de ler e vêem-na apenas como um meio para adequar conhecimentos, não como algo prazeroso e divertido. Vê-se que é necessário trabalhar neste sentido lembrando o que Azevedo (op cit: 71) defende, isto é, que para gostar de ler é necessário saber ler sim, mas também é necessário ter motivação para a o fazer. Então, cabe ao professor promover a leitura com actividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura. É nesta perspectiva, que objectivamos apresentar propostas de actividades que servem para desenvolver nos alunos o gosto pela leitura⁴.

Salientamos que numa aula de leitura, o professor deve sempre levar em conta os três momentos e propor estratégias que visam efectivar os propósitos de cada um deles. No ponto seguinte apresentaremos uma série de actividades adequadas a cada um desses momentos.

Em seguida apresentaremos jogos e actividades lúdicas que servem para desenvolver no aluno o gosto pela leitura.

Actividades para a fase de pré-leitura:

⁴ Actividades sugeridas por Azevedo (2007, p 71).

- Exploração dos conhecimentos dos alunos através de elementos paratextuais de uma obra ou um excerto como: a capa, o título, as ilustrações. Encorajamento do aluno a expressar as suas ideias e a partilhar as suas experiências.

- Levantamento de hipóteses a cerca do conteúdo, personagem e acontecimentos da obra, que serão confirmadas, ou não, no momento da leitura, para despertar a curiosidade do aluno motivando-o para a leitura.

- Apresentação dos objectivos de leitura. Desta forma os alunos já terão uma justificação da leitura, saberão o que estão procurando.

Actividades para a fase de leitura:

As actividades da fase de leitura que passamos a apresentar visam preparar o aluno para usar estratégias de compreensão; familiarizá-lo com a estrutura do texto; focar a sua atenção na linguagem; facilitar a compreensão sobre as personagens, acontecimentos, temas e ideias-chave e colaborar na interpretação .

É de se salientar que é nessa fase que o aluno se envolve com a leitura, cruzando informações e relacionando-o com os seus conhecimentos prévios e experiências.

Actividades para a fase de pós-leitura:

A fase de pós-leitura é o momento das confirmações ou não das expectativas e ou hipóteses levantadas pelo aluno sobre o texto, tem por objectivo encorajar respostas pessoais; promover reflexões sobre o texto; facilitar a organização, a análise e a síntese das ideias e proporcionar oportunidades de partilha e construção de significados com os colegas.

3.2 Sugestões de jogos e actividades de leitura

3.2.1 Actividades de leitura

Book- talk⁵ - Corresponde a uma partilha de informações sobre a obra, recuperando aquilo que os catálogos das editoras ou contra capas dos livros apresentam.

Book-Bits⁶ - Apresentação aos alunos de algumas frases ou de pequenos excertos do texto em tiras de papel, os quais depois de lido permitirão aos alunos inferir informações sobre a obra ou história, ainda antes de lerem a obra.

⁵ Actividade proposta por (Azevedo, 2007, p. 74)

O livro na sala de aula - Para a leitura integral de uma obra o professor pode levar e circular o livro entre os alunos (para poderem ter o contacto físico com o livro). Enquanto o livro circula de aluno para aluno o professor pode fornecer informações sobre a obra, como por exemplo os prémios atribuídos a ela.

Se o professor não tiver o livro à sua disposição pode ainda fazer uso das novas tecnologias pesquisando na internet sobre o livro e projectar as ilustrações em power point ou no retroprojector.

Música, imagem, fotografia – O professor pode levar para a sala uma música, imagem ou fotografia que esteja relacionada com o conteúdo, tema ou assunto da obra e explorar o conhecimento do aluno sobre o assunto, tentando sempre despertar a sua curiosidade para a obra.

Perguntas de expectativa⁷ – Com base no resumo ou comentário do livro presente na contracapa, o professor pede aos alunos para formularem perguntas de expectativa sobre o desenrolar da acção da narrativa.

O rosto do livro – Partindo da capa do livro o professor pede aos alunos para tentarem adivinhar o tema da obra. Pode também pedir que os alunos dêem um novo título ao livro.

Prova real⁸ – preencher tabelas onde são colocados os nomes das personagens e através de uma citação do texto é feita a sua caracterização.

Mapa de comportamento⁹ – Preenchimento de mapas onde são referidos os nomes das personagens, as suas atitudes ou comportamentos e uma avaliação dos mesmos dizendo se fez bem ou mal e porquê.

Leitura dialogada – O professor pode mandar os alunos lerem os diálogos presentes no livro ou excerto, distribuindo a cada aluno a fala de uma personagem e a do narrador.

Leitura expressiva – O professor pode pedir aos alunos que façam uma leitura expressiva de um excerto, isto é, fazendo entoação adequada aos sinais de pontuação e intenções de comunicação presentes para transmitir os sentimento que o texto transmite.

Reconto da história – Os alunos podem fazer o reconto da história do livro oral ou por escrito.

⁶ Idem.

⁷ Actividade sugerida por Azevedo (2007).

⁸ Idem, 2007, p. 75.

⁹ Idem.

Diário de leitura – Os alunos fazem uma leitura reflexiva e pessoal da obra ou do excerto, como por exemplo uma reflexão pessoal das acções das personagens.

Os alunos podem fazer isso em duas colunas, numa citando o momento textual que ele considera significativo ou relevante e na outra escreve a sua reacção ou apreciação pessoal sobre esse acontecimento.

Inventar uma história – Os alunos podem inventar uma história dando continuidade à do livro ou alterando o comportamento das personagens.

3.2.2 Jogos de leitura

Tê-lo-às lido - Esta actividade pretende entusiasmar os alunos para a leitura, a partir de descobertas de respostas para os enígmata descobertos.

Para a realização desta actividade é necessário 8 (oito) obras de literatura infantil e juvenil, 1 (um) barralho de cartas, contendo 4 (quatro) cartas enigmáticas por cada obra.

Cada enígma consistirá numa frase-chave extraída da obra ou numa adivinha relevante para a mesma. Por grupos, os alunos deverão ser capazes de relacionar cada enígma a uma obra. O grupo que vencer será aquele que maior número de respostas correctas acertou.¹⁰

A minha personagem favorita - Consiste em convidar os alunos a criarem acrósticos com as letras iniciais das suas personagens preferidas. O acróstico deverá permitir identificar os principais traços físicos, psicológicos e emocionais da personagem em causa.

Cada linha do acróstico começa com a letra do nome próprio da personagem, e é seguida de uma palavra, frase ou oração que revela os traços da personagem.¹¹

Concurso de leitura - Organizar concursos de leitura entre os alunos da mesma sala em que terão um texto para ler. Só que os leitores terão que obedecer as regras de uma boa leitura. O júri pode ser constituído pelos próprios alunos que depois da leitura dos colegas, vão validar a leitura classificando-a quanto a entoação, colocação da voz, articulação das palavras, pronúncia e expressividade. O vencedor pode receber um prémio no final.

¹⁰ (Azevedo, 2006, p. 18)

¹¹ (op cit)

Círculo de leitura - O professor faz um mini concurso de leitura em que cada fila tem que ter uma boa prestação. Os elementos de cada fila começam a ler o texto e quando chegar ao sinal marcado o colega tem que automaticamente continuar a leitura e assim sucessivamente até que todos os elementos da fila terminem a leitura. Vence a fila em que os elementos cometerem menos erros.

Jogo de adivinha - O professor pode escolher um texto do manual, manda os alunos lê-lo previamente o texto, em casa ou até na sala de aula. Para fazer a interpretação do texto o professor pode: recortar (pode ser para colar na cartolina ou simplesmente fazer uma leitura oral) o texto em vários fragmentos correspondentes a pequenos episódios (os cortes devem coincidir com os momentos em que a(s) personagem(s) vai(ão) tomar uma atitude (mudança de cena). O professor deve tomar o cuidado para que os fragmentos não sejam nem muito curtos (que não ofereça quaisquer informação) e nem muito longos (para não ser muito fastidiosos e enfadonhos).

Depois de ler, pergunta aos alunos qual é o acontecimento que sucede a partir do episódio lido¹².

Dramatização - Pedir aos alunos para fazerem a dramatização de uma parte da história do livro lido na sala.

3.3 Sugestões de actividades que a biblioteca escolar pode desenvolver para motivar e promover a leitura¹³

Animação de informação - Consiste em apresentar livros de forma variada e atractiva. Essa animação pode consistir em:

- Reunir informações acerca de um livro ou de um autor.
- Organizar uma roda dos livros: através de actividades de apresentação de vários livros que suscitem interesse, de forma dinâmica, falando sobre a história, as personagens, lendo excertos significativos, mostrando as ilustrações, sem haver a obrigatoriedade de leitura.

O museu dos contos (exposições) - Podem ser temáticas ou à semelhança do museu de contos. Primeiro deve-se seleccionar o tema, depois construir o itinerário da exposição. Por

¹² Silva (1994, p. 48).

¹³ Essas actividades foram sugeridas por Bastos (1999).

isso, deve-se fabricar quadros e etiquetas informativas, e por último idealizar disposição material da exposição, organizar a visita à exposição.

Concursos de leitura – leitura expressiva de um mesmo texto, por todos os concorrentes, tendo como critérios de avaliação as regras de uma boa leitura, tais como: a entoação, a pontuação, a dicção, a colocação da voz, a pronúncia e a expressividade.

A maleta das histórias - Constitui uma variante para o contador de histórias. Numa maleta colocar uma série de objectos, alguns do quotidiano e outros estranhos. Vai-se tirando os objectos e contando uma história a partir deles.

Livros vivos - Dramatização das situações do livro.

Animação de aprofundamento - _Actividades que partem da leitura mas que se estendem para além dela.

Recreações a partir de leituras - Recriar através de expressão dramática, oral ou escrita o que é descrito no livro.

Fórum do livro - Consiste em organizar um grupo de análise e compreensão de livro.

CAPÍTULO IV - CONCLUSÃO

Neste capítulo procedemos à apresentação das principais conclusões, chegadas com o estudo, bem como das suas implicações no que se refere à promoção do gosto pela leitura nos alunos do 1º Ciclo do Ensino Secundário.

Constatámos que motivar para a leitura é um processo educativo consciente, realizado para produzir e desenvolver uma relação intelectual e afectiva entre o livro e o leitor de forma a que este contacto produza uma estimulação genérica; consiste em despertar no aluno o interesse, o desejo em participar na leitura que se inicia tanto na sala de aula como fora dela.

O presente estudo serviu-nos para vermos o quanto é importante o papel desempenhado por adultos com perfis específicos, nomeadamente pais, professores, bibliotecários, instituições, como por exemplo a escola e a biblioteca escolar, na promoção da leitura. Esses mediadores da leitura têm de estar conscientes do seu papel para poderem: facilitar caminhos para a realização da leitura; fomentar hábitos leitoras estáveis; ajudar a ler por prazer diferenciando claramente a leitura obrigatória da voluntária; orientar a leitura extra-escolar; coordenar e facilitar a selecção de leitura segundo a idade e os interesses dos seus destinatários e preparar, realizar e avaliar animações da leitura (Azevedo, 2006).

O estudo do terreno permitiu-nos verificar que os agentes educativos (professores, escolas e bibliotecas escolares) não estão a cumprir o seu papel. Os únicos agentes que estão a cumprir o seu papel são os pais, principalmente em relação à compra de livros e conselho para a leitura. Isso porque notámos que as escolas, os professores e os bibliotecários, apesar de contribuírem para o aluno aprender a ler, não se preocupam com o desenvolvimento do gosto pela leitura. A escola preocupa-se unicamente com a aquisição dos conhecimentos. A ela interessa mais e unicamente a leitura funcional e instrumental. Os professores estão mais preocupados em seguir o programa da disciplina, não arranjam espaço nem disponibilidade para promover o gosto e o hábito de leitura.

Notámos ainda, que os alunos vêem a leitura apenas como um instrumento de análise e que isso é consequência da forma como o acto de ler e a leitura são abordados na sala de aula. Ficou claro que isto se deve ao facto de a maioria dos textos trabalhados na sala ser do

manual; a estratégia de ensino que os professores utilizam são quase somente a interpretação; não implementam nenhuma actividade ou estratégia que possa motivar o aluno para a leitura recreativa. Essa forma de apresentar o livro ou um texto para os alunos faz com que vejam a leitura como uma actividade que é realizada sempre para atingir obrigatoriamente os objectivos mínimos dos domínios da Língua Portuguesa.

O problema não está na escolha dos textos, porque a maioria dos alunos afirmou que apesar do professor trabalhar os textos do manual, eles gostam desses textos e acham-nos interessantes. O problema reside na forma como eles são abordados.

Verificámos que o simples facto de os alunos sentirem o prazer de ler um livro contribuiu bastante para incutir neles o gosto pela leitura. É de realçar que a forma como a leitura é apresentada e abordada, influencia muito a reacção do aluno perante ela. Por isso, os mediadores educativos devem em colaboração uns com os outros, promover a leitura. A família deve proporcionar ao aluno o contacto com os livros em casa; ter os livros acessíveis aos educandos; ter hábitos de leitura e mostrar que ela tem gosto pela leitura.

O professor e a biblioteca escolar devem actuar na escola promovendo actividades de incentivo à leitura: Essas actividades têm de ser lúdicas e não obrigatórias, dado que a motivação para a leitura é um processo contínuo em que os mediadores educativos têm de estar continuamente a motivar e a despertar no aluno o interesse pelos livros.

Concluímos que para reverter esta situação, é necessário que todos esses mediadores da leitura tomem consciência do seu papel e, conseqüentemente, renovem as suas práticas, proporcionando aos alunos, além da leitura associada aos usos escolares, momentos de fruição com a leitura, para os incentivar a ler fora da escola. Enfim, citando Rolo (2009, p. 127), a leitura escolar tem de abrir-se a novas perspectivas (...) incutir no aluno o gosto pela leitura. Levar em conta que não é bom aquele que sabe ler e usa esse saber apenas porque tem necessidade. Há-de sê-lo, quando, por sua iniciativa escolher ler, em vez de brincar ou passear, porque ler passou a ser fruição, envolvimento, prazer. Assim, o aluno passa a tirar vantagens dela, melhorando o seu desempenho em Língua Portuguesa e nas outras disciplinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOR, E. (1993). *Didáctica do Português. Fundamentos e metodologia*. Texto Editora. Lisboa.
- AZEVEDO, F. (2007). *Formar Leitores: Das Teorias às Práticas*. Lidel . Lisboa- Porto.
- _____, (2006). *Língua Materna e Literatura infantil. Elementos nucleares para professores do Ensino Básico*. Edições e Distribuição Lidel.
- BACHA, M. L. (1969). *Desenvolvimento da leitura na escola primária*. Educação Primária, Guia de Ensino. Rio de Janeiro.
- BASTOS, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Universidade Aberta.Lisboa.
- CRUZ, V. (2007). *Uma Abordagem Cognitiva da Leitura*. Lidel. Lisboa.
- FRANCISCO, Isabel Ruiz (2005). *Manuales Docentes de Educación Primária. Nº2 Lengua, Literatura y su Didáctica I*. Universidad De Las Palmas de Gran Canária.
- FREIRE, M. T. (1994). *Leitura recreativa e a Escola. Esboço de uma Realidade*. Desertassão de Mestrado. Universidade de Aveiro.
- GREGIO, M. C. (2006). *Motivação por meio de actividades com textos humoristas*. Univeresidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- GRILO, A. G. (1991). *Guia dos Professores de Língua Portuguesa (Vol.1)*.Edições Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- MANGUEL, A. (2007). *Questões e razões. Como Pinóquio aprendeu a ler*. In Noesis (p.p 18 – 24).
- MATEUS, A. M. C. F. (2009). *A promoção da leitura no 3º Ciclo. Um projecto dinamizado pela Biblioteca Escolar*. Universidade Aberta.
- MATOS, & LOPES, M. A. (1997). *Programa da Disciplina de Língua Portuguesa. 1ºCiclo. 7º e 8º ano*. Ministério da Educação Ciência e Cultura.

MARINHO, H. (1987). *Vida Educação Leitura. Método Natural de Alfabetização*. Livraria Francisco Alves: Editora A.S.A. Brasil.

MOTA, S. R. (1995). *A família e o Leitor: Ler e prazer*. Lisboa

PEREIRA, L. A. (2008). *Escrever com as crianças. Como fazer bons leitores e escritores. Para crianças dos 0 aos 12 anos*. Porto Editora. Porto.

POTTS, J. (1979). *Leitura e Leituras nos Ensinos Primários e Secundários*. Horizontes, Lisboa.

REIS, C. & ADRAÇÃO, J. V. (1992). *Didáctica do Portugues*. Universidade Aberta. Lisboa.

ROLLO, C. & SILVA, C. (2009). *A escola e o gosto de ler. Da ‘obrigação’ à “devoção”*. In Ribeiro, I. & Viana, F. L. (orgs). *Dos leitores que temos aos leitores que queremos. Ideias e Projectos para promover a leitura* (p.p. 115 – 154). Centro de Estudos da Criança. Universidade do Minho. Coimbra: Edições Almeida. S A.

SANTANA, A. P. (2007). *Manuales de Docentes de Educación Primária - Manual de Literatura Infantil*. Universidade de Las Palmas de Gran Canária.

SILVA, C. M. (1994). *Idéias: Leitura, Escola e Sociedade*. Fundação para o desenvolvimento da Educação – FDC.

WEBEGRAFIA

ABREU, (2004). Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/> Acesso em 20-06- 2010.

BARBA, M. D.(2009). *Adolescência e Leitura: A construção da escola e da biblioteca escolar*. Acesso em 8-01-2010.

BECKER, C. da R. F. e GROSCH, M. S. (2008). *A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos*. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, Nova Série, São Paulo, v.4, n.1, p. 35-45, jan./jun. 2008. Disponível em 35 <http://www.febab.org.br/rbbd/ojs-2.1.1/index.php/rbbd/article/viewPDFInterstitial/59/79> - Acesso em 10-10-2009

BIER, M. L. (2004). *A criança e a recepção da literatura infantil contrnporâea: Uma leitura de Ziraldo*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL Tubarão. Disponível em: http://busca.unisul.br/pdf/74054_Marilena.pdf - Acesso em 10-10-2010.

CONCEIÇÃO (2005). Disponível em: http://www.casadaleitura.org/porta/bo/documentos/ot_lerparaser_a.pdf Acesso em 20-06-2010.

FRAGOSO, G. M. (1996). Livro, leitura, Biblioteca ...Uma história sem fim. Revista ACB: Bibliotecanomia em Santa Catarina, Floriasópolis, V.9, n.1p. 166-170, 2004. Disponível em: <http://www.acbsc.org.br/Revista/ojs/vienconticles.php> - Acesso em 20-11-2009.

GOMES, J. A. (2008). *Literatura para a infância e a juventude e promoção da leitura*. Texto revisto para a Casa da Leitura e originalmente para: (Associação de Municípios do Vale do Lima). Também disponível em: http://www.valimar.org/files/resourcesmodule/@random42436986a44ba/1144756633_Conclus_o_e_interven_e_s.doc - Acesso em 10-10-2009.

LIMA, (2010) Disponível em: <http://www.concepções de leituras.doc>, acesso em 14-06-2010.

MAGNANI, M. do R. M. - *Leitura e Formação do Gosto (por uma pedagogia do desafio do desejo)*. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p101-106_c.pdf- Acesso em: 20-06-2010.

MORAES , M. de S. (2000). *O gosto pela leitura: fatores que motivam ou controlam?* MARINGÁ . Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/msmoraes.pdf> -Acesso em a 8-10-2009. Acesso em 19-10-2009.

MORETE, A. (2006). *Concepções de leitura e suas práticas em sala de aula: um conflito de vozes*. Comunicação apresentada no III congresso de letras da UERJ – São Gonçalo. Departamento de Letras. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/iii/completos%5Ccomunicacoes%5Calinemorete.pdf> - Acesso em 15-06-2010.

ROCCO, M. T. F. (1994). *A importância da Leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto*. Publicação: Série Idéias n.13. São Paulo: FDE, 1994. Páginas: 37-42. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p037-042_c.pdf Acesso em 5-05-2010.

FICCHIO, M. e SILVA, M. J. R. (2001). *Leitura: hábito ou gosto?* In: *akrópolis - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, Akrópolis, Umuarama, V.12, nº.3, jul./set.* Disponível em: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/view/408/373>- Acesso em 8-10-2009

ANEXO

ANEXO 1

Questionário aplicado aos alunos do 1º Ciclo do Ensino Secundário

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

Este questionário destina-se exclusivamente a recolha de dados para elaboração do trabalho de fim de curso de licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses, cujo tema é “**O desenvolvimento do gosto pela leitura na 1º Ciclo do Ensino Secundário**”.

Por isso os dados são anónimos e confidenciais.

Obrigada pela colaboração

1. Identificação:

1.1. Nome _____

1.2. Idade _____

1.3. Sexo _____

1.4. Ano de escolaridade _____

1.5. Escola _____

Com quem é que vive? _____ (se não vive

2. Tens o hábito de ler?

Sim	
Não	

3. Gostas de ler?

Porquê?

Sim	
Não	

4. Como é que ocupas o teu tempo livre?

Vejo a televisão	
Jogar playstation	
Leitura de livros	
Internet	
Futebol	

Outros	
--------	--

5. Se respondeste sim, assinala onde é que costumás ler.

Biblioteca		Escola		Casa		Sala de aula		Outro lugar (onde)	
------------	--	--------	--	------	--	--------------	--	--------------------	--

Se respondeste que não gostas de ler passa para pergunta número 10.

6. Qual é o principal motivo que te levou a gostar de ler?

Por conselho dos meus pais	
Por conselho do professor	
Todos os meus amigos lêem	
O pai e a mãe têm hábito de ler	
O meu (minha) amigo(a) mais íntimo(a) gosta de ler	
Leitura obrigatória da escola	
Prazer e gosto	
Actividades promovidas pelo professor na aula de leitura	
Actividades promovidas pela biblioteca da escola	
Actividades promovidas pela escola	
Outras razões (diz qual)	

Todos os dias	
Quase todos os dias	
Às vezes	
Fins-de-semana	

7. Com

Nas férias	
Quase nunca	

que frequência lê?

8. De que tipo de livro gostas mais de ler?

Livros escolares (gramática, dicionário)	
Romances, novelas e contos	
Banda desenhada	
Livros infantis e juvenis	
Ficção científica	
Revistas/ jornais	
Aventura e espionagem e mistério	
Outro (s)	

9. O que é determinante na escolha de um livro?

Autor	
Título	
Capa	
Resumo	
Sugestão do professor	
Conselho dos pais e outras pessoas	
Publicidade	

10. Costumas frequentar a biblioteca da escola?

Sim	
Não	

Porquê _____

11. Caracteriza os textos que lês na sala de aula

A maior parte dos textos que lemos não é interessante.	
Só lemos o manual escolar.	
Os textos que lemos são difíceis de compreender.	
Os textos que lemos são muito interessantes.	
Gosto da maioria dos textos que lemos.	

12. Que actividades o professor faz na sala de aula que envolve a leitura? (Escolhe A ou B).

A		B	
Outras actividades: Dramatização,		Apenas leitura e interpretação de texto	

Aponta outras actividades que o professor já promoveu na sala de aula.

13. Que actividades de leitura gostarias que o teu professor ou a tua escola promovesse?

Actividades de leitura	Ordem dos que mais gosto
Sessão de leitura dramatizada	
Apresentação de livros	
Encontro com escritores	
Clube de leitura	
Concursos de leituras	
Sessão de leitura e interpretação.	

14. Na tua casa há livro?

Se sim indica quantos.

Sim	
Não	

Menos de 10	10 a 20	Mais de 20

ANEXO 2

Questionário aplicado aos professores de Língua Portuguesa do 1º Ciclo do Ensino Secundário

Este inquérito tem como objectivo recolher dados para o trabalho de fim de curso, que tem como tema: *O desenvolvimento do gosto pela leitura no 1º ciclo do ensino secundário*. Daí que contamos com a sua colaboração, visto que ela é imprescindível para a realização deste trabalho. Agradecemos que respondesse com o maior rigor possível, tendo em conta que não existem respostas, opiniões ou posições certas ou erradas. As informações são confidenciais.

1. **Acha que a escola contribui para o desenvolvimento do gosto pela leitura?**

Muito	
Pouco	
Nada	

Porquê? _____

2. **Acha que o professor tem influência no gosto pela leitura por parte dos seus alunos?**

Sim	
Não	

Se respondeu sim, diga como influência. Se respondeu não, justifique.

3. **Promove actividades que desperta o gosto pela leitura na sala de aula?**

Sim	
Não	

Se sim, quais? _____

Sugira outras que acha que servem para o efeito.

4. **A escola onde trabalha promove actividades que visam desenvolver o gosto pela leitura?**

Sim	
Não	

Se respondeu sim, indique-as:

5. **Os alunos da sua escola gostam de ler?**

Se sim

Não

Porquê? _____

Quase todos	
Muitos	

Alguns	
Poucos	

6. O que acha que a escola deve fazer para desenvolver no aluno o gosto pela leitura?

7. Que tipo de texto leva para as aulas?

Tipo de textos	Sempre	Às vezes	Nunca
Textos do manual			
Recortes de jornal e revistas			
Extratos de livros			
Banda desenhada			
Outros			

8. Quando escolhe o texto quais dos seguintes critérios usa?

	Sempre	Às vezes	Nunca
Recomendação do programa			
Os mais adequados para o conteúdo			
Os que se relacionam com a realidade do aluno			
O que mais interessa aos alunos			
O que permite diversificar as estratégias e modalidades de leitura.			
Qualquer texto.			

9. Quais os desafios e dificuldades que encontra na promoção da leitura na sala de aula?

ANEXO 3

Quadros dos dados recolhidos junto dos professores

. Quadro 2- influência do professor na promoção do gosto pela leitura no aluno

Professor	Sim	Não	Justificação
A		X	Porque a leitura é muito pouco motivada nas aulas de língua portuguesa.
B	X		Influência a partir das actividades que desenvolve na sala de aula.
C		X	Porque os alunos não gostam de ler na sala por vontade própria e nem trazem o livro para a aula.
D	X		Através de actividades de leitura: começando por ler pequenos trechos que podem interessar os alunos.
E	X		Através de actividades de leitura.
F	X		Contando-lhe histórias de um livro e depois mandando-lhe ler; perguntas sobre um texto; aulas de leitura.
G	X		Mostra aos alunos como a leitura é boa, lendo com eles na sala, mostrando que isso enriquece o vocabulário.
Total	5	2	

Quadro 3- O professor promove , ou não actividades de promoção da leitura e que actividades.

Professor	Sim	Não	Que actividades desenvolve na sala de aula	Outras actividades que acha que servem para a promoção da leitura
A	X		<i>Leitura expressiva e interpretativa.</i>	<i>Concursos de leitura, declamação</i>
B	X		<i>Leitura de textos em grupo; mini concursos de leitura na sala; troca de livros entre alunos.</i>	
C	X		<i>Exijo sempre o manual na sala, levo textos que não pertencem ao manual para as aulas.</i>	<i>Fazer biblioteca móvel; Jornal de turma.</i>

D	X		<i>Trago novos textos; faço concursos de leitura e reconto de histórias.</i>	<i>Trazer novos livros para a sala, revistas e jornais que incentivam os alunos a ler.</i>
E	X		<i>Leitura de textos na sala e concursos de leitura</i>	Troca de livros.
F	X		<i>Interpretação de vários textos do manual, revistas, jornais e outros livros.</i>	
G	X		<i>Concursos de leitura, jogos de diversão.</i>	<i>Narração de contos na sala de aula, reconto.</i>
Total	7	0		

Quadro 4 – A escola onde trabalha promove actividades de incentivo a leitura

Professor	Sim	Não
A		X
B		X
C		X
D		X
E		X
F		X
G		X
Total	0	7

Quadro 5 - Os alunos da sua escola gostam de ler?

Professor	Quase todos	Muitos	Alguns	Poucos	Não gostam de ler
A					X
B			X		
C					X
D	X				
E					X
F	X				

G			X		
Total	2	0	2	0	3

Quadro 6 – Tipo de textos que leva para as aulas.

Professor	Textos do manual			Recortes de jornal e revistas			Extratos de livros			Banda desenhada		
	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca
A	X				X			X			X	
B	X				X			X			X	
C	X				X			X				X
D	X				X			X			X	
E	X				X			X			X	
F		X			X			X				X
G	X				X			X			X	
Total	6	1	0	0	7	0	0	7	0	0	5	2

Quadro 7– Critérios que utiliza na escolha dos textos, que utiliza nas aulas.

Professor	Recomendação do programa			Os mais adequados para o conteúdo			Relacionados com a realidade do aluno			Interessante para o aluno			Aquele que permite diversificar as estratégias e modalidades de leitura			Qualquer texto		
	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca
A	X				X			X			X		X					X
B		X		X				X			X				X			X
C	X			X				X			X							X
D	X			X									X					X

E	X			X				X		X				X				X
F		X		X			X			X				X				X
G		X		X			X				X		X					X
Total	4	3	0	6	1	0	2	4	0	2	4	0	3	2	1	0	0	7

Quadro 8 – Desafios que os professores encontram na promoção de leitura na sala de aula.

Professores	Dificuldades que encontra na promoção da leitura na sala de aula.
A	Desmotivação por parte dos alunos; pouco hábito de leitura dos alunos; programa e planificação não muito adequado para a promoção do gosto pela leitura.
B	Pouco acesso aos materiais didácticos; Falta de interesse dos alunos; má a estrutura das turmas e da escola.
C	Os alunos têm medo de ler; dificuldade financeira para a compra dos livros.
D	Falta de material didáctico; más condições da sala de aula; excesso dos alunos numa sala.
E	Falta de interesse por parte dos alunos; as condições da escola não são as melhores; super lotação das turmas.
F	A família carenciada dificulta, pai analfabeto o ambiente inadequado.
G	São muitas as dificuldades, há pouco interesse pela leitura.

Quadro 9 – Sugestões do professor para estimular o interesse dos alunos pela leitura

Professor	Sugestão de actividades para a promoção da leitura na sala de aula
A	Concursos de leitura e mais ênfase na leitura lúdica e recreativa.
B	Promover trabalhos colectivos (escola – família); mais rigor nos trabalhos dos professores; mudar alguns conteúdos do programa e desenvolver trabalhos por competências.
C	
D	Um manual com textos mais ilustrativos; e textos mais interessantes que cativa os alunos para a leitura.

E	É necessárias mudanças nos temas e conteúdos do programa; mais empenho por parte dos professores que devem encontrar estratégias para desenvolver esta competência e o gosto pela leitura.
G	Que os manuais tenham textos mais interessantes e criativos, que promovam a leitura e a escrita, história em quadrinhos, contos infantis.

ANEXO 4

Gráfico dos dados dos aluno de cada escola

Gráfico I – Hábito de leitura

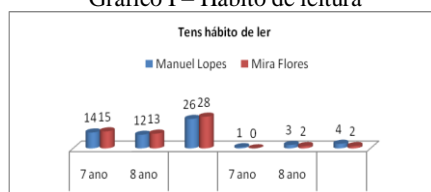


Gráfico II - Como os alunos ocupam o tempo livre

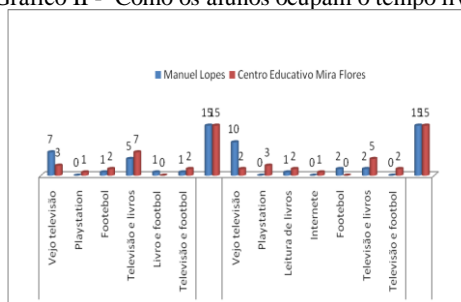


Gráfico III – Lugar onde costuma ler

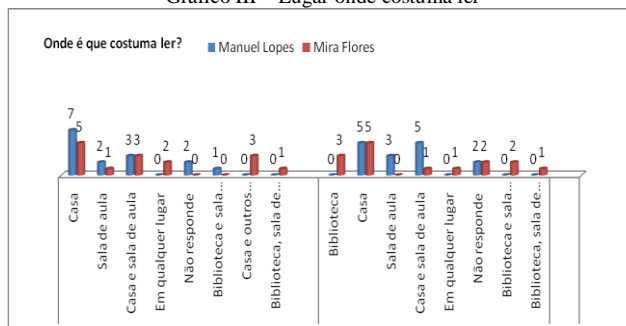


Gráfico IV – Principal motivo de gostar de ler

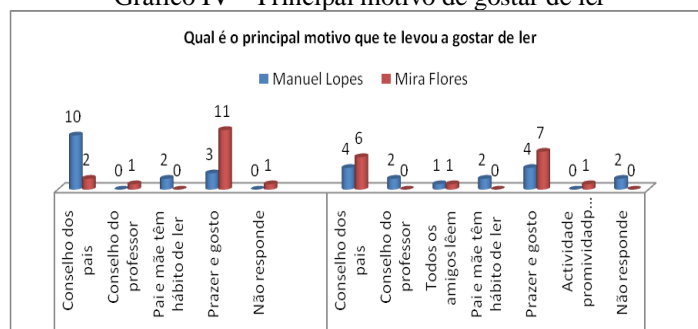


Gráfico V – frequência com que lê, releção entre as escolas.

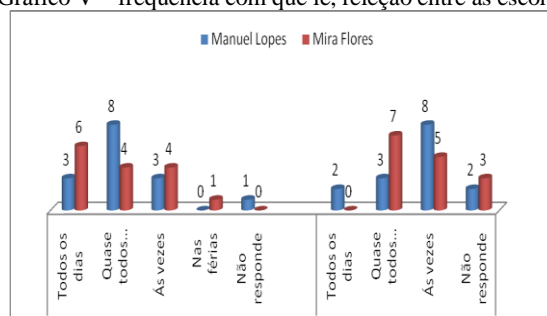


Gráfico VI – Livros que mais gosta de ler

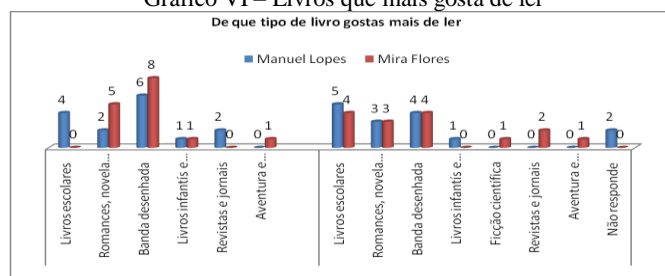


Gráfico VII – O que é determinante na escolha de um livro

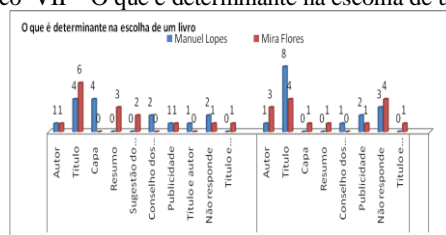


Gráfico VIII – Características dos textos analisados na sala de aula

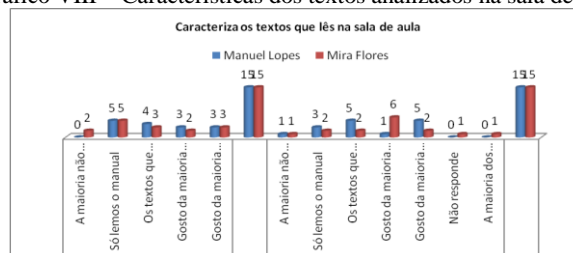


Gráfico IX – Actividades que o professor faz na sala de aula

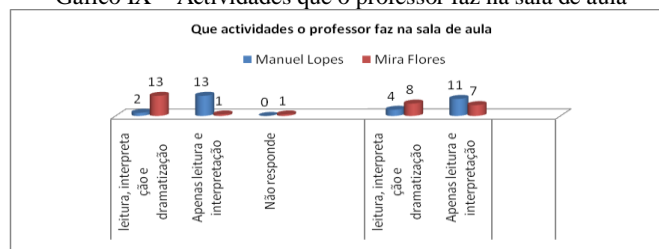


Gráfico X – Atividades de promoção da leitura na sala de aula.

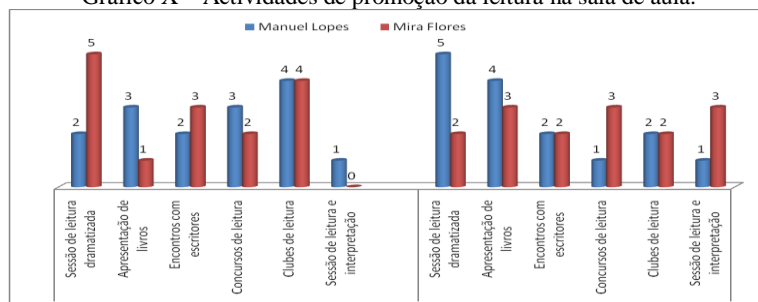


Gráfico XI – Existe livros em casa

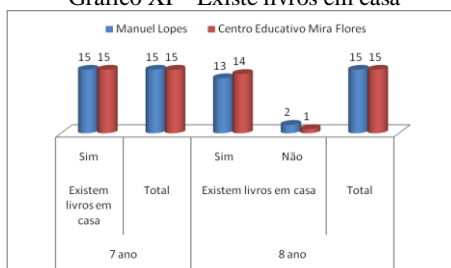
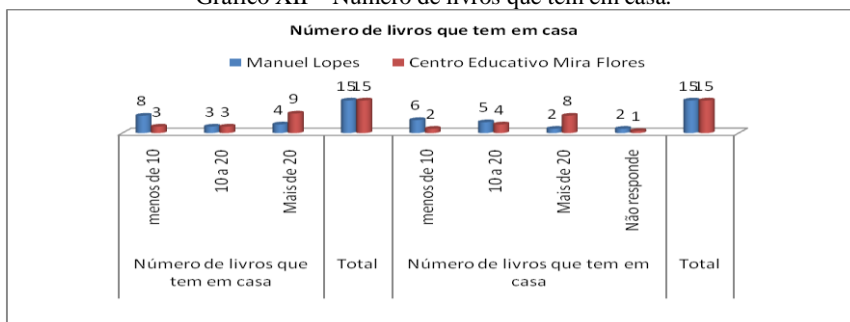


Gráfico XII – Número de livros que tem em casa.



ANEXO 5

Sugestão de actividades de leitura do livro infanto-juvenil: “*Uma aventura nas ilhas de Cabo Verde.*”

*“Ler é uma actividade complexa que (...),
requer esforço, perseverança e força de
vontade(...),
pode-se aprender a ler, mas a experiência
da leitura não se aprende, mas sim atinge-
se pela emoção, por contágio e pela
prática.” (Cerrillo, 2006: 33, apud
Azevedo, 2007: 152).*

As actividades aqui propostas constituem apenas sugestões do que, entre tantas outras, os agentes educativos, principalmente o professor, pode desenvolver visando o desenvolvimento do gosto pela leitura. A ideia é que se promova actividades que visem a atender a necessidades específicas e que as actividades sejam escolhidas de acordo com os meios disponíveis e com o contexto social e cultural dos alunos.

A ideia de escolher esta obra prende-se com o facto de ela fazer parte de uma das obras sugeridas pelo novo programa do 1º ciclo do Ensino Secundário em pré-experimentação.

Actividades de pré-leitura

- O professor pergunta aos alunos:
 - O que vêem na capa do livro;
 - Com que ilha do nosso país podemos relacionar o rosto do livro;
 - O que é que nos diz o título.
- Pontos turísticos de Cabo Verde: O professor pode optar por fazer uma apresentação em power point os pontos turísticos do país; os alunos e o professor podem desenvolver um pequeno diálogo sobre este assunto.

Actividades durante a leitura

- Fazer leitura em voz alta de alguns capítulos da obra: alunos e professores intercalando a leitura e criando curiosidade quanto ao resto da história.
- Leitura oral dialogada: os alunos fazem a voz dos diferentes personagens e professor pode escolher o narrador.
- Incorporação da leitura: o professor escolhe um trecho do texto (a cada duas ou três linhas). Um aluno inicia a leitura em voz alta e seguindo uma ordem antecipadamente estabelecida, um novo aluno começa a ler a partir de cada marca do texto, até que todos estejam lendo em conjunto.
- Leitura dramatizada: um grupo prepara a narração de um capítulo da obra, prepara-o para contar aos outros. Escolhe-se as personagens que farão os diálogos e também aqueles que farão apenas a dramatização.

Actividades para depois da leitura

Brincando com as personagens

- Imaginar como são as personagens, desenhá-las e descrevê-las.
- Quem é quem: apresentar as características de uma personagem e indicar a quem pertence essa característica.
- Escolher uma personagem e inventar uma nova vida para ele, uma nova aventura.

Brincando com o ambiente

- Localizar as ilhas no mapa.
- Descobrir as rotas que as personagens percorreram na história.
- Localizar os lugares e as populações descrevendo-as.
- Construir morais que mostram as paisagens das diferentes ilhas.
 - Pesquisar sobre os costumes, e as condições de cada ilha.
 - Imaginar uma aventura dos protagonistas em outros lugares.

Brincando com as palavras

- Fazer sopa de letras.
- Palavras cruzadas: o professor faz uma pergunta em que a resposta a essa pergunta é a palavra que preencherá os espaços em branco.
- Desafio de vocabulários, trabalhar em diversos níveis e em diversas dificuldades: o professor apresenta palavras e os alunos terão que descobrir os seus significados, tendo ou não em conta o contexto em que ela surge.

- Associação de objectos e palavras aos personagens.
- Agrupar palavras de uma lista por campos semânticos.
- Copiar a culinária de um local.

Estimulando a escrita

- Reescrever um capítulo em forma de quadradinhos.
- Transformar um episódio ou uma passagem do livro, que tenha sido comentada na aula, em uma notícia utilizando a linguagem de um jornal.

Fazendo teatro e outras representações

- Escolher um capítulo e adaptá-lo para a linguagem teatral, a dita representação deve ser acompanhada de preferência por música.

Se reparamos com um pouco de atenção podemos verificar que no final dessas actividades nos fizemos a leitura e a interpretação do texto, so que de uma forma mais atrativa para os alunos.

